

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC
CAMPUS DE BAURU

JORNAL DO HUMOR – Quando a piada vira notícia

Renato Lopes Diniz

BAURU - SP
2011

RENATO LOPES DINIZ

JORNAL DO HUMOR – Quando a piada vira notícia

Projeto Experimental apresentado pelo discente Renato Lopes Diniz, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier.

BAURU - SP

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC
CAMPUS DE BAURU

Projeto experimental apresentado pelo discente Renato Lopes Diniz, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

Banca Examinadora

Membros:

Prof^a. Mayra Fernanda Ferreira
Jornalista Thiago Roque

Presidência e Orientação:

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

AGRADECIMENTOS

À minha namorada Ana Carolina Lorencetti, que precisou ter muita paciência durante a execução deste trabalho, aos meus pais, irmão e familiares e amigos de Sorocaba, que pouco me viram no segundo semestre do ano, aos meus colegas de faculdade que deram sugestões, fizeram comentários e acessaram o blog, ao professor Juarez Xavier pelas orientações e pela paciência no desenvolvimento deste trabalho, aos professores do curso de Jornalismo da Unesp, em especial àqueles que deram depoimentos para o site e que ouviram com atenção a proposta do trabalho, ao linguista Sírio Possenti, aos assessores de imprensa do grupo Casseta & Planeta e do jornalista Felipe Andreoli, aos organizadores do Salão de Humor de Piracicaba, aos cartunistas/chargistas Gustavo Duarte, Spacca, Allan Sieber, Cibebe Santos, Chiquinha e Duke, aos redatores/escritores Nelito Fernandes, Celso Ribeiro e Vitor Knijnik e aos cassetas Hélio de la Peña e Reinaldo Figueiredo, pelas entrevistas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 PROPOSTA	8
2 JUSTIFICATIVA	9
2.1 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA JORNALÍSTICA	9
2.2 JUSTIFICATIVA DO PRODUTO	10
3 OBJETIVOS	12
3.1 OBJETIVO GERAL	12
3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
4. REFERENCIAL TEÓRICO	13
4.1 HENRI BERGSON – O RISO: ENSAIO SOBRE O SIGNIFICADO DO CÔMICO	13
4.2 SÍRIO POSSENTI – HUMOR, LÍNGUA E DISCURSO	14
4.3 NILSON LAGE – A REPORTAGEM: TEORIA E TÉCNICA DE ENTREVISTA E PESQUISA JORNALÍSTICA	14
4.4 NILSON LAGE - ESTRUTURA DA NOTÍCIA	15
4.5 JOSÉ MARQUES DE MELO – A OPINIÃO NO JORNALISMO BRASILEIRO	15
4.6 PERSEU ABRAMO – PADRÕES DE MANIPULAÇÃO NA GRANDE IMPRENSA	16
4.7 HELENA MARIA GRAMISCELLI MAGALHÃES – APRENDENDO COM O HUMOR	17
4.8 EDVALDO PEREIRA LIMA – PÁGINAS AMPLIADAS: O LIVRO-REPORTAGEM COMO EXTENSÃO DO JORNALISMO E DA LITERATURA	18
4.9 JOÃO CANAVILHAS – WEBNOTÍCIA :PROPUESTO DE MODELO PERIODÍSTICO PARA LA WWW.	19
4.10 MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES – PESQUISA DE COMUNICAÇÃO	20
4.11 JACOB NIELSEN E MARIE TAHIR – HOMEPAGE: 50 WEBSITES DESCONSTRUÍDOS	21
5 HIPÓTESE	22
6 RECORTE E PESQUISA PRÉVIA	24
7 METÓDICA DA PESQUISA E DA PRODUÇÃO DO SITE	25

8 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	27
8.1 RESULTADO DA PESQUISA:	27
8.2 ESCOLHA DO NOME DO SITE	28
8.3 ESCOLHA DO BLOGGER	29
8.4 LINHA EDITORIAL	29
8.5 PAUTA	29
8.6 ESCOLHA DE ENTREVISTADOS	30
8.7 PADRONIZAÇÃO NOS TEXTOS	30
8.8 USO DE RECURSOS MULTIMÍDIA	31
8.9 ESCOLHA DE FORMATOS	33
8.9.1 Notícia	34
8.9.2. Coluna de notas	36
8.9.3 Reportagem	39
8.9.4 Comentário	44
8.9.5 Entrevista	45
8.9.6 Crítica	51
8.9.7 Editorial	53
8.10 QUANTIDADE DE ACESSOS	55
8.11 ESCOLHAS TÉCNICAS	56
8.11.1 Layout	56
8.11.2 Fontes e espaçamento	60
8.12 USO DO TWITTER E DIVULGAÇÃO	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
APÊNDICES	67
Apêndice A	67
Apêndice B	68

Apêndice C	72
Apêndice D	73
Apêndice E	77
Apêndice F	79
Apêndice G	80
Apêndice H	86
Apêndice I	88
Apêndice J	91
Apêndice K	93
Apêndice L	97
Apêndice M	98
Apêndice N	100
Apêndice O	102
Apêndice P	105
Apêndice Q	106
Apêndice R	111
Apêndice S	114

INTRODUÇÃO

O humorismo é parte fundamental do processo comunicacional e sua utilização serve como parâmetro de teste da liberdade de expressão de uma cultura. Seu caráter majoritariamente crítico é imprescindível para a cidadania.

O humor pode servir de aprendizado cultural para o jornalista de diferentes maneiras: no tratamento da linguagem e da imagem; na formação de uma bagagem cultural; como um parâmetro na quebra de paradigmas do jornalismo tradicional e, sobretudo, como uma forma de aplicação do senso crítico, fundamental para a atuação profissional do jornalista.

Tais apontamentos nortearam as ações para o presente trabalho.

1 PROPOSTA

Propôs-se a criação de um blog jornalístico com notícias relacionadas ao cenário do humorismo, sobretudo brasileiro, com reportagens que tratam da abordagem cômica em suas diversas vertentes e com conteúdo interpretativo e opinativo de modo a retratar e avaliar criticamente a produção humorística nacional.

O blog “Jornal do Humor” (<http://www.jornaldohumor.com.br/>) tem como objetivo abordar as implicações culturais e políticas do humorismo e suas manifestações na mídia, por meio da produção de textos e por meio de entrevistas com profissionais da área.

2 JUSTIFICATIVA

2.1 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA JORNALÍSTICA

Optou-se pela elaboração de um blog com conteúdo jornalístico exclusivamente sobre o humor em razão do ineditismo da proposta, uma vez que o humorismo é tratado de forma fragmentada no cotidiano e na mídia. O humor é visto como uma linguagem com fim específico (fazer rir), mas em geral não é pensado como tema de implicação reflexiva/comunicacional em si.

O levantamento prévio para o projeto aponta a presença quase obrigatória de programas humorísticos na grade de emissoras de televisão (citando como exemplo a Rede Globo: “Zorra Total”, “Grande Família”, “Caras de Pau”, “Aventuras do Didi”, além de seriados e quadros humorísticos em programas como “Fantástico”, “Esportes Espetacular” e “Jornal da Globo”) e da charge e de colunas de humoristas em sites, jornais e revistas. No entanto não há um trabalho que faça uma análise jornalística de toda essa produção – a análise, quando feita, se baseia em polêmicas ou na qualidade de um programa, elaborada por jornalistas especializados em TV, por exemplo Maurício Stycer. Com o “Jornal do Humor” propôs-se encampar essas diferentes formas de humor em um tipo de jornalismo especializado informativo, interpretativo e opinativo.

Não é apenas em comédias que o humor vem ganhando espaço na mídia. A informalidade crescente no jornalismo empresta do humor seu caráter descontraído para tornar o ato comunicacional mais uma conversa do que um pronunciamento. Dessa forma, percebe-se a inspiração na paródia para escrever títulos, manchetes e linhas-finas e para a seleção de fotos a serem publicadas.

Outro fator apontado levado em consideração para a elaboração deste projeto é a grande recorrência de notícias sobre polêmicas geradas por piadas de humoristas supostamente ridicularizando grupos sociais e a reação do

público, além de seus desdobramentos, tais como pedidos de desculpa, reafirmação da postura ou até mesmo retaliação por parte do público ou de um grupo de comunicação ligado ao comediante (por exemplo, o adiamento da estreia do programa “Agora é Tarde” de Danilo Gentili, previsto inicialmente para maio de 2011, depois do mal-estar causado por piadas sobre judeus e o holocausto). Partindo desse ponto, dedicou-se atenção à relação humorismo/construção de identidades e o conceito relativamente abstrato de politicamente correto, campo de tensões da comédia, também traduzido para “limite” do humor. Nesse campo se fez necessária a atuação do jornalismo, por sua preocupação social, com a finalidade de interpretar e opinar sobre esses conflitos.

Além da questão teórica, preocupou-se com o fazer humorístico, seu fator criativo e suas implicações no âmbito da indústria cultural e na formação de opinião. É importante ressaltar que a charge, a caricatura e a crônica humorística são enquadradas no jornalismo opinativo (MELO, 1985) por sua tomada de posição sobre questões políticas, culturais e morais.

Por conta do espaço que a imprensa dedica às charges na página de opinião, abordou-se o uso do humorismo para doutrinação de acordo com as pretensões dos editores de política e dos donos de veículos de comunicação, levando-se em consideração os padrões de manipulação atribuídos à grande mídia (ABRAMO, 2001).

Também é relevante a tentativa de se traçar a importância do humorista enquanto desbravador de limites morais, uma vez que o humorismo envolve ironia, atrevimento e enfrentamento. O humor seria um balão de ensaio para testar reações de diferentes públicos nos mais variados contextos.

Tendo em vista todos esses apontamentos, se fez necessário estudar a essência do humor, as técnicas de reportagem e teorias abordando a manipulação na imprensa a fim de subsidiar a produção de pautas e reportagens, bem como de comentários contidos no blog.

2.2 JUSTIFICATIVA DO PRODUTO

Optou-se pela produção de material jornalístico especializado em humor em um website (em formato de blog) em razão da importância que a internet adquire no processo comunicacional, em especial no jornalismo. Outra razão é o dinamismo que esse meio de comunicação oferece ao provedor de informação e ao leitor. Buscou-se, dessa maneira, a utilização de vídeos, áudios, imagem e de texto na atualização de notícias e textos opinativos, algo que não seria viável se a escolha do meio a ser utilizado fosse por um veículo impresso ou eletrônico.

Verificou-se também que não existe outro produto semelhante, uma vez que a nossa pesquisa prévia apontou que todos os sites que apresentam títulos ou slogans relacionando jornalismo e humor são na realidade sites de piadas em forma de notícia ou de anedotas sobre os noticiários brasileiro e mundial.

Notou-se ainda que, embora fosse possível coletar e apresentar notícias relacionadas ao humorismo com frequência satisfatória (três ou quatro vezes por semana), não seria o suficiente para abastecer um site puramente noticioso. Optou-se, portanto, em adotar um produto que aliasse gêneros informativo, interpretativo e opinativo e interpretou-se o blog como formato adequado para a postagem desse material. A escolha também se justifica pela praticidade de atualização, edição e acompanhamento do número de acessos.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Promover o debate sobre o humor por meio de uma abordagem jornalística.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar as implicações do humor na sociedade;
- Compreender as técnicas usadas pelos profissionais do humor para compor seu texto;
- Entrevistar humoristas para a produção de perfis, conhecer suas opiniões, projetos pessoais, produção de reportagens e para coleta de material capaz de apresentar um modo de trabalhar comum ou semelhante entre profissionais de diversas áreas do humor;
- Produzir reportagens e grandes entrevistas com humoristas e sobre temas relacionados ao humor;
- Produzir um website no formato blog, no qual pudessem ser divulgadas as reportagens e entrevistas produzidas;
- Postar notícias relacionadas ao humorismo na atualidade, com espaço para comentários analíticos;
- Produzir textos opinativos sobre o fazer humorístico e sobre produtos humorísticos com base nas ideias e materiais coletados durante todo o processo de produção.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Para a produção do blog “Jornal do Humor”, buscou-se pesquisar as implicações teóricas do humor, como sua abordagem linguística, filosófica, histórica e antropológica. Além disso, fez-se necessário compreender noções básicas de gêneros e formatos jornalísticos, para que se pudesse produzir material especializado de modo consciente e modo responsável.

Dedicou-se especial atenção ao caráter opinativo inerente ao humor, com o estudo da definição e delimitação desse gênero jornalístico por José Marques de Melo (1985) e o estudo da ligação entre o conteúdo informativo e opinativo de um veículo de comunicação com a manipulação praticada pela mídia, assunto tratado por Perdeu Abramo (2003).

Outra necessidade foi a de buscar fundamentos técnicos para as escolhas feitas para a produção do blog, por meio das leituras de Canavilhas (2007) e Jacob Nielsen e Marie Tahir (2002).

4.1 HENRI BERGSON – O RISO: ENSAIO SOBRE O SIGNIFICADO DO CÔMICO

A obra do filósofo francês foi importante para o trabalho de conclusão do curso em virtude da teorização sobre o cômico, ao buscar fórmulas que explicam o que torna um ato ou uma cena risíveis.

Bergson (1993) contextualiza a função social do humor. Para o filósofo, o humor é uma expressão que se fortalece na coletividade: “Quantas vezes se disse já que, no teatro, o riso do espectador é tanto mais prolongado quanto mais cheia está a sala?” (Bergson, 1993, p.20). Além disso, se faz valer pela insensibilidade: “O riso não tem maior inimigo do que a emoção” (1993, p.18-19). São esses pontos (coletividade e insensibilidade) que dialogam com nossa proposta na abordagem do humor: o fato de o afastamento do emocional proporcionar ao humor uma área de tensão com eventuais valores da sociedade.

Segundo Bergson (1993), o ato cômico se explica pela rigidez mecânica, isto é, pela imperícia em não se adaptar a diferentes situações – físicas e morais. Já a personagem cômica é a aquela que não percebe suas ações por estar distraída. O riso aparece como gesto social que alerta para essa situação e chama a pessoa a agir atentamente. A imitação de trejeitos é na verdade resultado de uma busca que localizar gestos repetidos, como se fossem mecânicos.

Também é importante a sua análise de que o humor analisa e dissecar algo para mostrar seus defeitos; o humorista é, portanto, um “moralista disfarçado de sábio” (1993, p.92). Baseou-se nesse ponto para questionar, durante entrevistas, se o humor desempenha papel de fiscalizador moral da sociedade.

4.2 SÍRIO POSSENTI – HUMOR, LÍNGUA E DISCURSO

A obra de Sírío Possenti foi fundamental para o trabalho por conceituar o humor da linguagem e o aspecto cultural e antropológico das piadas. De acordo com o autor, as piadas abordam assuntos sérios e estão ligadas à construção da identidade do Eu e do Outro. Nesse ponto reside seu caráter fundamental dentro da comunicação.

Para Possenti, a formação do estereótipo é entendida como resultado de redução moralista e social. Já o trocadilho presente em piadas pode esconder uma fuga à visão dominante. Trata-se de um “discurso subterrâneo, de certa forma reprimido, contrário ao anterior” (Possenti, 2010, p.45). Partiu-se dessa ideia para entender o aparente paradoxo defesa/enfrentamento de valores que o humorista pratica.

Outra abordagem do autor, de grande proveito para o trabalho, é sua argumentação de que o humor é um campo em si, assim como literatura, teatro ou a física. Esse ponto será analisado em nossa metodologia e hipótese.

4.3 NILSON LAGE – A REPORTAGEM: TEORIA E TÉCNICA DE ENTREVISTA E PESQUISA JORNALÍSTICA

A obra de Nilson Lage conceitua e orienta a produção de pauta, a entrevista e edição de matérias jornalísticas, sem deixar de analisar criticamente conceitos superficiais presentes no jornalismo e sem esquecer a importância da ética da área.

Para Lage, o jornalista permite a circulação de informação em uma sociedade em que a especialização é cada vez maior. Por se dirigir a diferentes públicos com diferentes níveis de compreensão, o jornalista trabalha percebendo e contextualizando fatos.

Lage critica o modelo comunicacional baseado em emissor, receptor e mensagem, e ressalta um novo modelo de comunicação que engloba também o conhecimento prévio do personagem envolvido.

O autor destaca a importância do planejamento editorial e defende que a busca de um ângulo para a reportagem permite “revelar uma realidade, a descoberta de aspectos das coisas que poderiam passar despercebidos (Lage, 2010, p.35)”, além de garantir uma percepção menos emocional de um acontecimento ou uma ideia. Isso porque a ideia pronta é anti-jornalística. Essa avaliação norteou a confecção de matérias.

A obra também foi importante para a produção por apresentar e definir como deve ser uma pauta e o que é a reportagem, comparando-a à notícia. Esses pontos serão tratados adiante na descrição do objeto.

4.4 NILSON LAGE - ESTRUTURA DA NOTÍCIA

Utilizou-se a obra de Nilson Lage para buscar definições e fundamentar opções técnicas e jornalísticas do produto. Seguiram-se seus preceitos sobre o procedimento de edição da entrevista: ouvir e ler o material transcrito, ordenar as proposições das mais importantes para as menos importantes.

Levou-se em consideração sua explicação de como montar uma notícia, desde a definição de leads, documentação, escolha de tempo verbal e opções de ordenamento do texto.

4.5 JOSÉ MARQUES DE MELO – A OPINIÃO NO JORNALISMO BRASILEIRO

A obra apresenta importante esquematização do jornalismo opinativo, no qual se enquadra o material humorístico presente no jornalismo. Marques de Melo analisa as diferentes classificações de gênero elaboradas até então para propor a sua esquematização. O autor defende que a caricatura é um gênero opinativo tal qual a crônica e a coluna, sob a alegação de que todos envolvem a identificação de autoria e não se atêm à descrição de fatos, mas à sua versão. Com base nessa ideia, sustentou-se a hipótese presente em nossas pautas de que o humor é a valoração de fatos e ideias, não uma análise imparcial.

Destacam-se as palavras do autor a respeito da caricatura, vista como mais que um editorial desenhado:

É que a imagem, na imprensa, motiva de tal modo o leitor e produz uma percepção tão rápida da opinião que se torna instrumento eficaz de persuasão. Por isso a caricatura incomoda mais os donos do poder que o editorial ou o artigo (MELO, 1985, p.123).

Sobre essa análise, sustentou-se nossa hipótese presente em algumas pautas de que o humorismo é um dos recursos utilizados por um veículo de comunicação para deixar clara sua linha editorial.

Para o autor, o jornalismo opinativo é uma leitura da realidade e a própria seleção da informação é instrumento para o veículo de comunicação expressar sua opinião. Assim, criam-se círculos viciosos de fatos e personagens que sempre são notícia. Daqui, nota-se uma conexão com o humorismo, que acaba se focando em personagem e fatos que estão a todo o momento na mídia.

Melo (1985) também cita a coluna satírico-humorística, classificando-a como próxima da caricatura, uma vez que “seu objetivo é criticar, ridicularizando ou ironizando fatos, ações, personagens; busca entreter, assumindo feição caricatural” (Melo, 1985, p.117).

As definições de editorial, coluna, resenha e comentário tiveram grande importância na compreensão do gênero opinativo e na sua aplicação no blog sobre humor.

4.6 PERSEU ABRAMO – PADRÕES DE MANIPULAÇÃO NA GRANDE IMPRENSA

Perseu Abramo traça diferentes recursos supostamente usados pela grande mídia para manipular a informação e, portanto, o público. A obra não cita em nenhum momento o uso do humorismo pelos veículos de comunicação, mas essa indução parte da conclusão tirada do livro “A opinião no jornalismo brasileiro”: o humor pode destruir reputações. Não é à toa que praticamente todos os veículos de comunicação abrem espaço ao humorismo.

Perseu Abramo elenca quatro formas de manipulação usadas na imprensa: 1) *Padrão de Ocultação*, no qual se omitem fatos; 2) *Padrão de Fragmentação*, em que ocorre a descontextualização de notícias e uma aparente mistura de vários fatos sem qualquer ligação; 3) *Padrão de Inversão*, no qual a forma se sobrepõe ao conteúdo ou a opinião supera a informação; 4) *Padrão de Indução*, no qual se juntam fatos e se valorizam versões de modo a criar uma nova realidade a ser recebida pelo público. Pode-se ligar isso ao humor, ao citar as piadas que associam uma figura pública a um defeito moral, como “corrupto” ou “drogado”: essas piadas surgem de visões únicas e simplificadas de fatos, ou dos enquadramentos feitos pela imprensa que favorecem essas visões.

Um ponto tratado por Abramo, útil para a produção de reportagens, é a crítica à ideia de objetividade jornalística como sinônimo de imparcialidade, honestidade e isenção. Para ele, o trabalho jornalístico precisa envolver, acima de tudo, a observação atenta de tudo o que está relacionado aos fatos, para finalmente, tomar partido, evitando assim um juízo de valor baseado numa leitura superficial. Também é fundamental, para Abramo, a separação clara entre informação e opinião, algo levado em consideração na elaboração do blog.

4.7 HELENA MARIA GRAMISCELLI MAGALHÃES – APRENDENDO COM O HUMOR

O livro da professora aposentada pela UFMG foi de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho por não se limitar à linguística do humor. Helena Maria apresenta a história do conceito de humor e citações de pensadores sobre esse tipo de linguagem.

A autora cita o estudo “Uma teoria do humor”, de Thomas Veatch, para ilustrar o humor: o linguista “define o humor como um certo estado psicológico que tende a produzir o riso” (MAGALHÃES, 2010, p.33). O efeito risível do humor resulta, de acordo com o teórico, de uma adição N + V + S, em que N é uma situação de normalidade, interrompida por uma violação ao senso comum ou ao estado normal das coisas (V) e em que S é a simultaneidade dessas duas manifestações. No entanto, uma interpretação subjetiva da piada faz com que a violação seja superdimensionada, superando a interpretação de normalidade. A piada, então, causa revolta e não divertimento.

No livro são citadas as considerações de Victor Raskin, para quem o humor traz sempre um “gatilho semântico”, um item chave da piada que introduz um discurso além daquele superficial: o subentendido que está em uma ambiguidade. “Portanto, o desafio do humor é construir um texto evocando outro” (MAGALHÃES, 2010, p.29). Já o psicanalista Sigmund Freud considera que o humor tem um elemento libertador (MAGALHÃES, 2010, p.68) e o filósofo Umberto Eco afirma que o humor faz referência a uma regra a qual não se é mais forçado a se submeter. (MAGALHÃES, 2010, p.43).

Por fim, foi importante para o trabalho a apresentação que a autora fez da obra de André Breton sobre o humor negro. Para o poeta surrealista o humor negro é uma “reviravolta sempre absurda do espírito, parcialmente macabra e parcialmente irônica e inimigo mortal do sentimentalismo” (MAGALHÃES, 2010, p.67) e que oscila entre a sabedoria e a loucura (MAGALHÃES, 2010, p.77). A autora destaca que o humor negro proposto por Breton tem função principal de questionar padrões de pensamento e padrões morais impostos pela sociedade.

4.8 EDVALDO PEREIRA LIMA – PÁGINAS AMPLIADAS: O LIVRO-REPORTAGEM COMO EXTENSÃO DO JORNALISMO E DA LITERATURA

Na obra de Edvaldo Pereira Lima dedicada aos livros-reportagens, encontram-se definições do trabalho jornalístico. Por exemplo, o autor resume as quatro características fundamentais do jornalismo escaladas por Otto Groth e que foram seguidas na produção do blog: periodicidade, difusão, atualidade e universalidade:

As quatro características principais dos periódicos, conforme definidas Otto Groth, ajudam a afunilar a compreensão do fenômeno jornalístico. Assim, o jornalismo serve ao propósito de informar e orientar sobre os fatos da atualidade, mantendo um vínculo de contrato periódico com a audiência, que é dispensa geográfica e socialmente, tratando de temas que dizem respeito aos mais variados campos do saber humano. (LIMA, 2005, p.21)

Segundo Lima, o jornalismo tem a função de orientar a população diante da avalanche de acontecimentos.

O alimento dessa função [jornalismo] é a ocorrência social, sobre a qual se debruça o jornalismo para, a partir daí, manter a sua audiência a par dos acontecimentos, possibilitando-lhe orientar-se ante a avalanche de acontecimento cotidianos na sociedade moderna. (LIMA, 2005, p.20)

Outro destaque do autor se dirige à angulação no trabalho de edição do material, sobretudo de entrevistas, em que se busca o aspecto mais interessante da matéria, principalmente conteúdo de interesse humano.

Por fim, buscou-se seguir as indicações do autor para que se evitasse o reducionismo no trabalho jornalístico. Por reducionismo, compreende-se o simplismo e a crítica pela crítica, sem qualquer intenção de mudança. Deve se buscar, segundo Edvaldo Pereira Lima, o pensamento produtivo e não o destrutivo. O pensamento produtivo requer aprofundamento, de modo a fugir da leitura superficial, presa à factualidade. Deve-se oferecer ao leitor um sentido e um significado ampliados do real, uma leitura crítica e que mostre indícios de solução para os problemas.

4.9 JOÃO CANAVILHAS – WEBNOTÍCIA: PROPUESTO DE MODELO PERIODÍSTICO PARA LA WWW.

A obra de João Canavilhas traz considerações sobre os recursos já explorados e ainda não explorados pelos veículos de comunicação em seus websites. Para o autor, baseado em considerações de outros autores, a definição mais adequada para a prática jornalística em websites é a de webjornalismo, entendida como segmento do jornalismo que se usa ao máximo das possibilidades fornecidas pelo meio em que está inserido (web), como interatividade, som, imagens, vídeos e gráficos. Trata-se de um jornalismo feito

pela internet, e para a internet, seu canal de divulgação (CANAVILHAS, 2007, p.6).

Canavilhas destaca que o novo meio de comunicação web resultou em novos desafios para a linguagem jornalística. Entre as possibilidades que devem ser exploradas na internet, o autor ressalta aquelas apresentadas por Ramón Salaverria: 1) *Hipermídia*: a capacidade de unir conteúdos diferentes como som, vídeo e imagem, até então indisponível em outras mídias; 2) *hipertexto*: a conexão entre diferentes textos e páginas da web, dentro ou fora do conteúdo do site e 3) *Interatividade*: a possibilidade de leitores comentarem instantaneamente, enviar sugestões, críticas e apontar erros. Todos esses fatores unidos geram a oportunidade única (um quarto item para os teóricos Jo Bardoel e Mark Deuze) de *personalização do conteúdo*: cada leitor percorre o seu caminho na notícia e o texto deixa de ter a autoria única do jornalismo que assina a matéria (CANAVILHAS, 2010, p.7).

Para Marcos Palacios, incluem-se aos quatro itens já citados a *memória*, já que a internet permite um arquivamento de notícias antigas, facilitando a busca por parte de internautas, algo que se levou em consideração no blog ao adicionar páginas de postagens mais acessadas e listagem de tags para que o leitor pudesse encontrar conteúdo de seu interesse postado anteriormente; e *atualização contínua*, ou seja, a possibilidade de corrigir ou acrescentar informações em uma notícia a qualquer momento, independente da publicação de uma nova edição, como acontece em revista e jornal (CANAVILHAS, 2010, p.52 e 53).

Canavilhas destaca que a hipertextualidade oferece sensação de controle ao internauta, dando-lhe satisfação e percepção de credibilidade ao site.

A obra apresenta a ideia de que o texto do webjornalismo deve buscar a compreensão do acontecimento, com formatação tradicional, com lead e parágrafos dispostos em ordem decrescente de importância. Recomenda textos curtos e concisos.

4.10 MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES – PESQUISA DE COMUNICAÇÃO

Para a escolha da metodologia mais adequada ao trabalho optou-se pela aplicação das ideias de sistematização das fases da pesquisa de Maria Immacolata Vassalo de Lopes expostas em artigo da Revista Brasileira de Comunicação. Aplicou-se sua metodologia também na produção de pauta de entrevistas e na produção de reportagens especializadas.

A autora acredita que deve haver uma reflexão sobre a escolha do objeto de estudo. A ideia de um jornalismo especializado em humor, proposta do blog “Jornal do Humor”, enquadra-se naquilo que a autora aponta como essencial: estudo em campos interdisciplinares.

Baseada em estudos linguísticos de Jakobson, a autora propõe as combinações sintagmáticas e paradigmáticas na pesquisa, por meio da combinação de elementos e da seleção. No caso da seleção paradigmática, estão enquadradas as possibilidades teóricas, metodológicas e técnicas na formação da estrutura do discurso científico, partindo da dedução em caminho ao abstrato. No *nível técnico* estão o trabalho indutivo e a impressão inicial; no *nível metódico* está a explicação dessa estrutura e de seu modelo; no *nível teórico* buscam-se as implicações do objeto escolhido em diferentes áreas do conhecimento e no *nível epistemológico* está a importância do estudo de determinado objeto para a compreensão da realidade.

No eixo sintagmático, estão as fases da pesquisa, que serviram de caminho a ser seguido para montagem do produto, bem como o presente relatório: inicia-se com fase de *Definição* (em que há o recorte do tema, sua problematização e formulação de uma hipótese); a *Observação* (com determinação de uma amostragem e leitura de material); a fase de *Descrição* (em que se explica como é) e a fase de *Interpretação* (posiciona-se sobre o tema, fazem-se comparações, explicam-se os porquês).

4.11 JACOB NIELSEN E MARIE TAHIR – HOMEPAGE: 50 WEBSITES DESCONSTRUÍDOS

Desenvolveu-se a primeira página do blog levando-se em consideração os apontamentos da obra. Para os autores, a primeira página é porta de entrada para o internauta e funciona como primeira e talvez única oportunidade de atrair o internauta.

Segundo os autores, a montagem da primeira página deve atender às necessidades dos usuários inexperientes e experientes.

O principal apontamento para a elaboração da primeira página do “Jornal do Humor” foi o de não sobrecarregar a página de informações, e ao mesmo tempo deixar claro as intenções do site, seu funcionamento e o que o internauta pode encontrar naquele espaço virtual.

Para a montagem do blog estudou-se a análise feita pelos autores em 50 websites e buscou-se a aplicação desses pontos na montagem do blog. A aplicação dessas orientações será mostrada mais adiante.

5 HIPÓTESE

Tendo em vista os apontamentos apresentados até aqui quanto ao humorismo e seu contexto na comunicação, quanto ao jornalismo e sua teoria e prática, e levando-se em consideração o que se aprendeu durante as aulas no curso de Comunicação Social, propôs-se a montagem de um blog jornalístico sobre o humorismo partindo da hipótese de que é possível criar um produto dedicado ao acompanhamento do noticiário cultural e mesmo político relacionado ao humor.

Para tanto, parte-se da consideração do linguista Sírío Possenti, que defende a interpretação do humor com um campo em si. Para o autor, aqueles que o praticam seguem um conjunto de regras e o humor compreende modos peculiares de circulação, produção e recepção. É um processo análogo ao que permite classificar a Literatura como um campo (2010).

Atentou-se também ao apontamento de Possenti de que o humor, assim como outros campos é heterogêneo, uma vez que envolve caricaturista, cartunistas, atores, escritores e músicos (2010).

Tomando-se como referência os apontamentos do linguista, dispusemo-nos a produzir material jornalístico especializado sobre humor, com entrevistas que mostram a produção dos profissionais, de que modos eles trabalham, interagem entre si e com os meios de comunicação e quais são suas opiniões sobre assuntos inerentes à comunicação, além de produzir e repercutir notícias sobre humoristas e programas humorísticos e criar textos para interpretação de fatos e notícias ligadas ao humor, bem como a apreciação e o posicionamento diante de polêmicas.

6 RECORTE E PESQUISA PRÉVIA

Para a produção de um website jornalístico no formato blog optou-se por selecionar o humor produzido de maneira intencional (humorismo) e reproduzido nos veículos de comunicação.

Para a produção de material jornalístico, conclui-se fundamental tratar do politicamente correto, por meio da compreensão do ponto de vista de humoristas sobre o tema.

Com o intuito de fomentar os estudos para a produção do blog, buscou-se avaliar criticamente a produção de conteúdo jornalístico existente sobre o tema. Pesquisou-se, então, a recorrência de notícias sobre o humorismo em um veículo de comunicação específico: no caso, o site do jornal Folha de S. Paulo.

A escolha do veículo se deve ao espaço dedicado pelo jornal à modalidade humor, tendo em vista a existência de uma coluna humorística assinada por Zé Simão, e da publicação diária de um painel de tirinhas de oito autores renomados entre os cartunistas, como Angeli, Laerte e Adão Iturrusgarai. Além disso, optou-se pelo site do veículo porque é o mesmo meio de comunicação adotado no trabalho de conclusão de curso.

7 METÓDICA DA PESQUISA E DA PRODUÇÃO DO SITE

Para analisar a recorrência do assunto humor no site da Folha de São Paulo delimitou-se o período entre 10 e 16 de setembro de 2011, cujas atualizações estão disponíveis na página de busca do site, em <http://search.folha.com.br/search>. Pesquisou-se a quantidade de notícias e reportagens que abordassem o humor, por meio da busca das palavras Humor, Humorista, Comédia, Comediante, Stand-Up, Charges, Chargista, Cartunista e Humorismo na página Ilustrada, que assim como no jornal impresso, delimita as editorias de Cultura, TV, Música e Cinema no site do jornal.

A busca também foi feita na coluna do jornalista Alberto Pereira Júnior, no mesmo período, uma vez que as notícias mais importantes do colunista do jornal Agora! (do Grupo Folha) costumam aparecer na página principal do site do jornal Folha de S. Paulo (www.folha.com).

Para compreender o humorismo para a produção de pautas se estudou obras de teóricos sobre o jornalismo opinativo. Buscou-se usar o que Immacolata apresenta como definição de limites epistemológicos para traçar o que é o humor, e de que maneira seriam feitas as pautas e como seria a produção de reportagens especializadas.

Apropriou-se das considerações da mesma autora sobre níveis da pesquisa para traçar um panorama de nosso entendimento sobre humorismo (definindo sua técnica, metódica, teoria e epistemologia), utilizando-se como ferramenta as obras teóricas já citadas sobre humor e sobre jornalismo opinativo e os depoimentos colhidos em entrevistas.

Para tanto, buscou-se elucidar questões como “O que é o humor e qual é a sua função?” por meio da leitura das obras citadas e da inclusão dessa indagação no rol de perguntas feitas aos entrevistados. Buscou-se montar um roteiro de perguntas que contemplasse os rituais de produção do humorista, sua percepção sobre a área em que atua, suas opiniões sobre temas éticos, filosóficos e políticos, seu contato com os veículos de comunicação que lhe proporcionam espaço e a repercussão do público.

O resultado dessas questões será apresentado mais adiante, nas considerações finais.

Já no trabalho de produção jornalística se buscou contemplar diferentes áreas do humorismo, com a parte gráfica (charge, cartuns e quadrinhos), textual (notícias falsas, artigos e colunas) e teatral (stand-up e interpretação) por meio de entrevistas e pesquisa sobre profissionais da área para a produção de reportagem e para a publicação de entrevistas.

Para a postagem de notícias e notas, realizou-se o acompanhamento do noticiário cultural, em especial de Televisão (tendo em vista a recorrência de programas humorísticos em diferentes emissoras), em sites como Folha.com, Estadão, UOL, Terra e IG, em especial as colunas de TV, como Flávio Ricco (UOL), Alberto Pereira Júnior (Agora) e Keila Gimenez (Folha.com). No caso de menções a notícias sobre o humor em sites internacionais, buscou-se acessar o site que publicou a notícia originalmente (caso da notícia sobre Danilo Gentili publicada no jornal The Guardian, presente neste relatório no Apêndice E). Para evitar o excesso de notícias sobre TV, buscou-se produzir material informativo ou opinativo próprio sobre chargistas e cartunistas.

8 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Para descrever o produto, optou-se pelas atualizações no blog feitas no período entre 23 de setembro e 23 de outubro, período posterior à fase de testes de formatos noticiosos. Postaram-se entrevistas e notícias do período inicial proposto para testar a melhor forma de publicação e edição.

8.1 RESULTADO DA PESQUISA:

Na busca realizada na editoria Ilustrada do site Folha.com, foram encontradas 175 notícias no total, das quais doze continham a palavra “comédia”, seis continham o termo “humor”, um continha as palavras “stand-up”, “cartunista” e “humorista” e nenhum resultado foi encontrado para “chargista” ou “humorismo”.

O termo comédia aparece em uma reportagem sobre o ator Marcelo Médici (também o único resultado para stand-up), é usado para classificar filmes em lançamento (dois casos) e filmes que concorriam ao prêmio Leão de Ouro (dois casos), uma vez para citar o seriado de TV premiado no Emmy “Modern Family” e, nos outros casos, para classificar brevemente filmes citados nas matérias.

No caso da palavra “humor”, o termo é utilizado como adjetivo da produção ou do comportamento de um artista em quatro resultados. O termo é citado como gênero artístico em entrevista com o ator Paulo José, e só é tema de uma reportagem com o humorista Beto Silva (aliás, é o único resultado para a pesquisa por “humorista”) sobre Tiririca, em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/973104-eu-gosto-do-tiririca-diz-beto-silva-do-casseta--planeta.shtml>. Na mesma notícia há o termo “charges”. O termo “cartunista” aparece em nota sobre o prêmio HQMix, em que o troféu seria baseado nos traços do cartunista da Folha de São Paulo, Glauco Vilas Boas.

Na pesquisa na coluna de notas de Alberto Pereira Júnior, <http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/albertopereirajr/>, dos sete textos diários, quatro abordavam humoristas ou programas humorísticos e, em todos os

casos, a notícia sobre humoristas aparece como principal. As notícias mencionadas são “Sabrina Sato não participa de programa do SBT”, “MTV aposta em Bento Ribeiro como sucessor de Marcelo Adnet”, “‘Macho Man’ terá divórcio gay”, “Rede TV! proíbe Sabrina Sato de participar de programas do SBT” e “Gentili da bebida e aperta o mamilo de Charlie Sheen os EUA”.

O levantamento referente às notícias publicadas na Folha.com permite concluir que o tema humorismo ainda não é suficientemente tratado no noticiário cultural do veículo de comunicação analisado, embora o mesmo seja referência na divulgação do humor gráfico e embora disponha de espaço para um colunista de humor. O humorismo, no período analisado, só aparece para tratar da opinião de um humorista sobre um colega, eleito deputado federal.

Por outro lado, a análise de resultados referentes à coluna de Alberto Pereira Júnior mostra que o humor tem relevância na cobertura televisiva, que há personagens interessantes ao público consumidor da informação e que há material para a elaboração de um produto jornalístico sobre o humorismo, hipótese do presente trabalho.

8.2 ESCOLHA DO NOME DO SITE

Seguiram-se as orientações dos autores Nelson e Tahir (2002) e buscou-se informar de maneira clara qual é a função do site por meio do título neutro “Jornal do Humor” e o subtítulo “Quando a piada vira notícia - blog de notas, entrevistas, artigos e reportagens sobre o humor”. O título aparece no canto superior esquerdo, no local de maior ocorrência entre os websites analisados na obra 50 homepages.

Optou-se pelo título “Jornal do Humor” para que o conteúdo do site ou blog fosse interpretado como de caráter jornalístico, informativo e opinativo, e não de entretenimento, embora se tratasse de um tema ligado a esse gênero de comunicação.

Escolheu-se também criar um domínio simples, a exemplo de orientação dos autores mencionados, para que os internautas não fossem obrigados a decorar o domínio do site na internet. Por isso optou-se pelo www.jornaldohumor.com.br, endereço adquirido por meio do site www.registro.br, mediante pagamento de uma taxa anual.

8.3 ESCOLHA DO BLOGGER

Testou-se por dois meses o uso do website na plataforma Wordpress, que apresentava vantagens ao Blogger, como escolha de imagem para a página inicial do site e agendamento de postagens futuras.

No entanto, encontraram-se dificuldades como a impossibilidade de se criar editorias – uma das propostas iniciais - e na escolha do layout adequado, tendo em vista que modelos de aparência jornalística apenas estavam disponíveis para compra. Já na plataforma Blogger aproveitou-se o conhecimento anterior na postagem de texto e explorou-se a possibilidade de baixar layouts gratuitamente. Foi possível ainda editar alguns conteúdos via HTML, de forma a permitir mudanças de fontes, páginas e editorias, como Reportagens e Notícias.

8.4 LINHA EDITORIAL

Adotou-se como linha editorial do blog o destaque para o profissional do humor, suas opiniões e seu posicionamento em relação a sua profissão. Buscou-se a crítica ao seu trabalho, à comunicação e à questão comportamental, e ao respeito aos valores éticos (entendidos como uma reflexão filosófica para se chegar a uma postura).

8.5 PAUTA

Na pauta das entrevistas, procurou-se contemplar: a biografia dos entrevistados, com destaque para o início de seu contato com o humor e o início de sua profissionalização na área; seus ídolos e produtos de humor preferidos, para que se pudesse compreender sua formação como humoristas; suas opiniões sobre o politicamente correto e os limites do humor, para que se pudesse não só colher material para uma reportagem específica, mas para que

se pudesse ter contatos com argumentos, reflexões e pontos de vista que permitissem fazer uma análise mais profunda do tema e que dessem condições de emitir comentários em notícias e artigos de opinião sobre temas polêmicos; descobrir se os humoristas tiveram contato com a teoria do humor; como se dá seu contato com a reação do público, para que se pudesse tomar conhecimento das mais variadas experiências pelas quais os profissionais tenham passado; como se forma seu estilo de fazer humor; como os autores lidam com os direitos autorais e a reprodução de seu material na internet sem autorização, e finalmente, se é possível sobreviver financeiramente com o humor. No caso de chargistas ainda se questionou se eles se consideravam jornalistas por lidarem com notícias.

8.6 ESCOLHA DE ENTREVISTADOS

Optou-se por entrevistar humoristas de diferentes plataformas, como cartunistas, chargistas, roteiristas, blogueiros, atores, stand-up, jornalistas e escritores; de diferentes gerações, como os que começaram a trabalhar na área nos anos 1960 e os que estrearam nos anos 2010; e de diferentes visões de mundo, como aqueles que são a favor das piadas com humor negro, aqueles que acreditam que o humorista não deve exagerar, aqueles que preferem o humor crítico e aqueles que defendem que a função primordial do humor é simplesmente fazer rir.

8.7 PADRONIZAÇÃO NOS TEXTOS

Para dar homogeneidade aos textos, realizou-se a padronização dos mesmos.

Foi necessário, por exemplo, iniciar o texto de cada matéria com o termo “Postado em...” em negrito e itálico porque o layout escolhido para o blog não incluía recurso que apontasse o dia da atualização. Em seguida na postagem,

optou-se por grafar o termo “Da redação” em itálico e negrito para destacar a autoria de cada texto.

A legenda das fotos com a mesma fonte do texto, e tamanho dois pixels menor que o adotado no corpo do texto para não confundir os internautas.

Os créditos e a legenda da primeira foto aparecem em itálico no fim de cada matéria porque, devido à configuração do layout escolhido, se essas informações aparecessem no início do texto, juntamente com a imagem, apareceriam também nos textos introdutórios da página inicial do blog.

Também ao fim de cada reportagem, notícia ou entrevista, optou-se por indicar os sites e veículos de informação que foram utilizados para a produção do texto, com o título “Fontes”, com a mesma fonte (letra) do corpo do texto em itálico, para apontar o fim do texto.

Optou-se por destacar a editoria da matéria na primeira palavra dos títulos não noticiosos. Por exemplo: “Crítica”, “Opinião” e “Entrevista” para adiantar o conteúdo ao internauta e por diferenciar o material opinativo do informativo. No caso das “Notas” e da “Reportagem” fez-se a mesma escolha para diferenciá-los da notícia. No primeiro caso, para que o internauta soubesse que se trata de pequenas notícias e no segundo caso para que o internauta soubesse que se trata de um artigo jornalístico com mais fontes e com um assunto de interesse público ou cultural.

Para tratar de programas de TV, optou-se por grafá-los entre aspas (“CQC”), bem como para tratar de jornais (“Folha de São Paulo”). Para emissoras de TV não se utilizou aspas. As três primeiras opções foram feitas baseadas no Manual de Redação da Folha de São Paulo. No entanto, para tratar do nome de filmes, livros e peças de teatro usou-se a letra em itálico para evitar o excesso de aspas em textos que, em geral, já as incluíam em declarações de entrevistas.

Optou-se por não incluir a linha-fina no blog Jornal do Humor porque o início do texto da matéria já aparece na página inicial. Se a linha-fina fosse adotada, apareceria no texto introdutório de cada matéria na página inicial, repetindo (ou adiantando) as informações que apareceriam no texto.

Optou-se por incluir o olho nas entrevistas, reportagens e textos opinativos, pois se tratam de matéria de textos longos. Analisou-se que é necessário chamar a atenção do leitor para alguns conteúdos da entrevista e da reportagem. No caso dos textos de opinião e críticas, acreditamos que o “olho” é necessário não só para destacar as opiniões assinaladas, como para dar mais fluidez ao corpo do texto, uma vez que se optou por não usar imagens nos textos de opinião.

Também com o objetivo de proporcionar maior fluidez ao texto, optou-se por adicionar intertítulos nas reportagens e notícias mais extensas (em geral com mais de cinco parágrafos).

8.8 USO DE RECURSOS MULTIMÍDIA

Optou-se por fazer uso das possibilidades interativas proporcionadas pela web, em especial daqueles recursos disponibilizados pela plataforma Blogger, tais como adicionar fotos, vídeos e áudios.

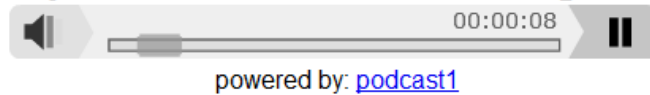
Aplicou-se imagens de caráter ilustrativo em reportagens, em geral para apresentar entrevistados, mostrar programas de TV ou capas de livro de autores citados no decorrer do texto. As imagens foram creditadas e receberam legenda.

Os áudios foram utilizados em razão da notoriedade dos entrevistados e para dar mais credibilidade ao conteúdo jornalístico do site. Preferiu-se disponibilizar trechos de pouco mais de 1 minuto e 30 segundos, que abordassem temas importantes ou que contivessem frases destacadas no texto.

Exemplo 8: arquivo de áudio em postagem de 15 de outubro de 2011

O intérprete de Michael Jackson, Celso Pitta e Pelé no programa humorístico conta que a pausa do programa “Casseta & Planeta” foi necessária para que a equipe pudesse se reformular. “Quando o programa começou não existia nem telefone celular. Então hoje você tem uma outra realidade e a gente queria voltar com um programa adequado a essa nova realidade”.

Ouçã um trecho da entrevista feita por telefone com o humorista:



Confira a entrevista que o Jornal do Humor fez com Hélió de la Peña:

Já os vídeos utilizados no blog foram retirados do site Youtube e eram, em geral, trechos de programas televisivos ou de filmes mencionados no texto. Esse recurso teve o objetivo de proporcionar momento de diversão para o internauta, ao abrir espaço para uma cena cômica em meio a um texto denso que tratava do humor.

Exemplo 9: vídeo em postagem de 05 de outubro de 2011:

RIAS

l)

(1)

m (1)

1 (1)

(1)

(1)

1)

)

(ele declarou "comeria ela e o bebê" no programa "CQC") já pode ser sentida em seu bolso. Segundo o colunista Ricardo Feltrin, do "F5", pelo menos sete eventos com o comediante foram cancelados. Rafinha cobra 20 mil reais por duas horas de trabalho.

RAFINHA BASTOS NA CHURRASCARIA

Tracodilhas

Entrevis blog de (Postac frustraçã trabalhc mostrou outro lado de Carlos Ruas. De mág

Notas - Rafinha pode te (Postac da noite da TV Bandeirantes p Rafinha Bastos, depo

Notas - contra z Legend e Enerr (Postac de hoje, a coluna de r Humor será atualizad: feiras. Legendários N

8.9 ESCOLHA DE FORMATOS

8.9.1 Notícia

Adotou-se o formato da notícia no blog “Jornal do Humor” para dar conta de conteúdo noticioso ligado ao humorismo, com base em informações divulgadas por veículos de comunicação, transformando desta maneira o material que trata do gênero de modo superficial na mídia em material especializado.

Compreende-se notícia

por relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante. A estrutura da notícia é lógica; o critério de importância ou interesse envolvido em sua produção é ideológico: atende a fatores psicológicos, comportamentos de mercado, oportunidade etc. (LAGE, 2000, p.60).

Buscou-se seguir a estrutura básica da notícia formulada por Nilson Lage: ordenar o texto em uma sequência de leads e documentação, subtítulos, novos leads e nova documentação.

Edvaldo Pereira Lima defende que: “De fato, a notícia deve corresponder ao acontecimento real que seja de interesse a pelo menos um grupo importante dentre os segmentos de receptores de uma dada mensagem jornalística” (LIMA, 2005, p.23). No entanto, o autor esclarece que a notícia não é composta exclusivamente de um fato atual, pois pode ser formada por algo que desperte interesse no momento de sua publicação.

No blog, testou-se a postagem de notícias conforme surgissem reportagens ligadas ao humor na mídia que despertasse a atenção. No entanto o ritmo indefinido de atualizações prejudicaria a edição e a postagem de matérias opinativas e de entrevistas.

Optou-se, portanto, em direcionar informações de menos relevância e com menos documentação às notas, e optou-se por postar fatos de grande relevância a qualquer momento, como foi o caso da morte de José Vasconcellos (exemplo a seguir).

Exemplo 1 : foram mantidas a fonte do corpo do texto e algumas configurações do site. Nas adaptações para o presente relatório, o texto das matérias do site

aparece em fonte Georgia 10,5 pixels, e não 14 pixels como aparece no site.
Conteúdo disponível em <http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/morre-jose-vasconcellos-o-gago-da.html>

Morre José Vasconcellos, o gago da Escolinha - veja vídeos do humorista

12:45 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 12/10)



Da redação: O corpo do humorista José Vasconcellos foi cremado nesta terça-feira (11/10).

O ator de 85 anos morreu depois de uma parada cardíaca no Hospital das Clínicas em São Paulo, onde estava internado com problemas nos rins. O autor sofria de *mal de Alzheimer*.

Vasconcellos interpretou o personagem gago Rui Barbosa Sá-Silva nas Escolinhas do Professor Raimundo (TV Globo) e do Barulho (TV Record). Atualmente, o sobrinho do comediante Rick Régis interpreta um personagem inspirado em Sá-Silva na Escolinha do Gugu (TV Record).

O ator é considerado o pioneiro das apresentações stand-up, em que o humorista conta piadas sem fantasias em um monólogo.

“É uma perda muito grande para o cenário artístico brasileiro, para o humor brasileiro. Ele foi o pioneiro, depois veio o Chico Anysio e o Jô Soares”, disse o ator Iran Lima, intérprete do personagem Cândido Manso.

(Link para video)



Caricatura de Zé Vasconcellos
feita por Amarildo
([conheça o site do artista](#))

Outro comediante que contracenou com Vasconcellos na Escolinha, João Ellyas, interprete do judeu Salim Muchiba, destacou sua genialidade. “Morreu o homem que ensinou a todos nós a fazer stand up. O primeiro stand up brasileiro. Stand up completo, porque ele escrevia, interpretava, compunha, cantava e dançava. Foi o único humorista a fazer show em vários idiomas. O Zé era considerado um gênio pelos humoristas internacionais.”

Natural de Rio Branco, no Acre, o comediante começou sua carreira no rádio, onde imitava personalidades da época.

Uma das últimas aparições de Vasconcellos na TV foi na “Praça é Nossa” em 2007. Assista ao vídeo.

(link para vídeo)

Fontes: IG e G1; declarações retiradas do site UOL
Crédito da foto: wikipedia.org

Depois de testes no ritmo de atualização do blog, a partir de 8 de outubro de 2011 optou-se por padronizar a postagem de notícias às sextas-feiras, para que se avaliasse os desdobramentos de um determinado fato ao longo da semana e se evitasse a postagem de notícias não-confirmadas; para que se pudesse pesquisar informações com tempo para avaliar sua importância no contexto do humor, e para que se obtivesse juízo de valor que permitisse a emissão de um comentário ao fim de cada notícia.

8.9.2 Coluna de notas

Optou-se pela inclusão de uma coluna de notas para dedicar um dia de postagens do blog a notícias de menor importância e com menos documentação, e ao mesmo tempo, orientar a opinião pública por meio de um comentário breve. Segundo Marques de Melo, entende-se por coluna de notas o espaço para várias notas, no qual se imprime uma determinada periodicidade. “Trata-se, portanto, de um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência” (MELO, 1985, p.105).

Dentro da coluna no Jornal do Humor optou-se por dedicar um espaço à parte para opinião sob o intertítulo de “Comentário rápido”.

Criou-se, além disso, o intertítulo “Para fechar”, dedicado a piadas. “Pontos de vistas apreendidos de personalidades do mundo noticioso” (MELO, 1985, p.106), no caso, de um humorista ou programa humorístico, com o objetivo de contrabalancear o caráter informativo e sério do espaço para uma reflexão cômica.

Optou-se também por colocar todas as notas em uma única postagem de modo que diferentes notícias curtas não ocupassem espaço demais na página inicial do blog e ofuscassem notícias mais trabalhadas.

Optou-se por criar uma coluna de notas semanal depois que postamos duas colunas com periodicidade aleatória (entre 04 e 08 de outubro de 2011), pois constatou-se que não há conteúdo para portagens de pelo menos cinco informações diárias. Como o formato não deveria ser desprezado, se optou por resumir e juntar de cinco a seis notas às segundas-feiras.

Procurou-se ainda limitar a quantidade de notas sobre humor da TV (as mais comuns em sites da internet), para dar espaço a charges, textos e vídeos de humor que despertassem a atenção do internauta pela qualidade pela criatividade.

Na formulação de um título da coluna de notas, optou-se por selecionar a notícia mais importante como parte inicial da manchete, e em seguida a palavra “mais”, com destaques menores, de modo a deixar claro ao público que o link o direcionaria a mais de uma nota.

Exemplo 2: exemplo de Coluna de notas (mantida a diagramação, mas sem imagens), disponível em <http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/notas-monica-iozzi-provoca-rafinha.html>

Notas - Monica Iozzi provoca Rafinha Bastos e mais: Pânico pode ter demissão

09:50 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 04/10)

Assunto da noite

O programa "CQC", da TV Bandeirantes pouco tocou no assunto Rafinha Bastos, depois de sua suspensão. Uma das únicas referências foi de sua substituta na bancada, Monica Iozzi. "Eu estou aqui porque o Rafinha Bastos andou tendo uma câibra danada na língua. A única coisa que posso dizer é: Chupa Rafinha!", disse Mônica.

Segundo [o "Estadão"](#), o "CQC" estuda a possibilidade de montar um rodízio com outros repórteres: Danilo Gentili, Rafael Cortez, Oscar Filho e Felipe Andreolli. A emissora não informou por quanto tempo Rafinha fica de fora do programa.

Comentário rápido

Revezamento é uma boa ideia. Mônica ainda não tinha ritmo e espontaneidade. O programa acertaria em escolher um repórter stand-up de profissão.

Nunca é tarde

Não é a toa que a Band especula transformar o "Agora é Tarde" de Danilo Gentili em programa diário no ano que vem. Na quarta-feira passada (28/09), por exemplo, o talk show superou a audiência do "De Frente com Gabi", do SBT: média de 3 pontos no Ibope contra 2,5 para a entrevistadora. A informação é do R7.

Enquanto isso, no Pânico...

O "Pânico na TV" também está sob agitação e a panicat Nicole Bahls pode ser demitida. A informação é do colunista [Alberto Pereira Júnior](#). Há meses, ela e a colega Juju Salimeni trocam farpas no Twitter. As brigas já motivaram a suspensão das duas por um programa em julho.

Adnet na Globo?

Marcelo Adnet se reuniu na última semana com a Globo e com a MTV, sua atual emissora. [Enquanto a emissora carioca oferece a visibilidade](#), a MTV põe na mesa um aumento salarial e liberdade de conteúdo. Neste mês, ele apresenta a principal

atração do canal da música: a premiação VMB. A esposa de Adnet, Dani Calabresa, também negocia com a Globo.

Para Fechar:

Depois que um casal gay agredido na Avenida Paulista não conseguiu registrar boletim de ocorrência na Delegacia de Delitos de Intolerância porque ela não abre aos finais de semana, o humorista Zé Simão concluiu, em sua participação matinal na BandNews FM: “Só pode apanhar a partir de segunda”.

8.9.3 Reportagem

Conceitua-se a reportagem em comparação com a notícia, sendo a primeira um material jornalístico mais elaborado, relativamente mais livre quanto à data de sua publicação. Para chegar a essa conclusão, interpretou-se o que Nilson Lage classifica como “informação noticiosa” como reportagem: enquanto a notícia é definida pelo autor como “um fato que contem elementos de ineditismo, intensidade, atualidade” (LAGE, 2001, p.114), a “informação trata de um assunto, determinado ou não por fato gerador de interesse” (LAGE, 2001, p.114). É, portanto, mais completa, mais rica na trama de relações entre os universos de dados.

A notícia típica surge da emergência de um fato novo, de sua descoberta ou revelação; a informação típica dá conta de um estado-de-arte, isto é, da situação momentânea em determinado campo de conhecimento.

Lage considera que a informação jornalística

é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente. Difere da notícia porque esta, sendo comumente rompimento ou mudança na ocorrência normal dos fatos, pressupõe apresentação bem mais sintética e fragmentária. (LAGE, 2001, p.112 e 113).

No entendimento do autor, esse é o espaço para a reportagem especializada, o objetivo deste trabalho.

O mesmo autor, em obra anterior, classifica reportagem como “o levantamento de um assunto conforme ângulo preestabelecido” (2000, p.46), tendo a pauta para reportagem do Jornal do Humor sido definida prevendo de que maneira o assunto seria levantado.

Na avaliação de Edvaldo Pereira Lima, a reportagem enquadra-se no jornalismo interpretativo, permitindo ao público compreensão maior que a proporcionada pela notícia.

(...) o arredondamento puro e simples da notícia seria pouco para responder às críticas. Por isso, visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística batizada de reportagem. (LIMA, 2005, p. 24)

Optou-se por adotar a reportagem para proporcionar ao leitor uma visão abrangente sobre questões morais e éticas relacionadas ao assunto do blog, como temas de interesse artístico e comunicacional presentes no discurso humorístico e que pudessem contribuir para a formação cultural e crítica dos internautas.

Tendo isto em vista, publicou-se uma reportagem sobre os limites do humor (apresentada a seguir), apresentando diferentes pontos de vista sobre a liberdade que esses criadores têm para desenvolver e publicar seu trabalho, de que modo o discurso do politicamente correto está presente na sociedade e como ele pode ajudar e como pode atrapalhar.

Realizou-se uma única reportagem presencial, no caso, de fatos ligados ao humorismo em Piracicaba, nos dias 27 e 28 de agosto de 2011, com a cobertura do 38º Salão Internacional de Humor de Piracicaba (Apêndices R e S), na qual destacamos a importância do evento para o humor gráfico do país, o histórico da premiação e da qual pudemos desfrutar da possibilidade de contato direto com vários chargistas e cartunistas, que concederam entrevistas para o site.

Exemplo 3: Exemplo de reportagem, mantida a diagramação, mas sem imagens, disponível em <http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/reportagem-humoristas-opinam-existem.html>:

Reportagem - Humoristas opinam: Existem limites para o humor?

17:10 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 21/10)

Da redação: Depois de uma [piada](#) com Wanessa Camargo e sua gravidez em setembro, Rafinha Bastos recebeu cartão vermelho da direção da Band e está suspenso da apresentação do programa "CQC". Outro repórter do programa já se complicou com piadas.

Ao comparar o metrô com trem que carregava judeus para Auschwitz para fazer piada com um bairro de grande população judaica, Danilo Gentili teve a estreia de seu programa adiada.

Concorrentes de humor do "Custe o Que Custar", o "Pânico na TV" já enfrentou processos com a atriz Carolina Dieckmann e uma violenta troca de farpas com o apresentador Clodovil. O "Casseta & Planeta" foi acusado de difamar os gaúchos. Saindo da TV, a publicação de desenhos de Maomé por um jornal europeu provocou protestos no Oriente Médio.

Exemplos como estes causam repercussão na mídia e trazem de volta a pergunta: Existem limites para o humor?

Agressividade

Para o chargista da Folha de São Paulo, [Allan Sieber](#), o humor precisa ter algo agressivo. "Tem que ter um mínimo de porrada, de agressividade", já que é um espaço que permite ao autor falar de assuntos espinhosos, "tipo racismo e religião, de uma maneira direta e ao mesmo tempo em que permite uma liberdade de você expor outro ponto de vista nessas questões."

**"Humor tem que ter um mínimo de agressividade" -
Allan Sieber, cartunista**

Mas até que ponto essa agressividade é válida? O chargista do "Lance!" [Gustavo Duarte](#) acredita que fazer humor não dá liberdade total ao comediante. "Você tem que ter um pingão de respeito e educação com as pessoas e saber até onde você pode ir"

Quando fala em limite, Gustavo cita como exemplo os ataques a autoridades, que em sua opinião, não devem envolver quem é próximo à figura. "Se você critica um político mau-caráter, beleza, mas não bata na mulher dele, no filho dele. Bata na pessoa. Atinja quem merece ser atingido."

Ex-redator do "Casseta & Planeta" e criador do site "[Sensacionalista](#)", Nelito Fernandes admite que está mais difícil trabalhar com o humor. "A sociedade brasileira encareceu muito, então alguns tipos de piada não estão sendo muito aceitos."

**"Ver o programa de um humorista apenas para
criticá-lo me parece meio masoquista" - Nelito
Fernandes, site "Sensacionalista"**

Mesmo assim, o carioca não acredita que o humorista deve procurar apenas polêmicas. “Quando você assume um papel de palhaço, que no fundo é o que a gente faz, você entra no picadeiro para fazer rir. Se você vai entrar no picadeiro para provocar polêmica você não está fazendo humor. É um polemista, que é outra coisa.”

Mais desafiador

Na opinião de Nelito Fernandes, o humorista tem que saber que não está livre de limites. “Não tenho aquela coisa ‘eu sou humorista, posso falar o que eu quiser, não quero censura’. Não. Você vai falar o que quiser desde que as pessoas estejam dispostas a ouvir”.

Do mesmo jeito, é o público quem escolhe qual comediante acompanhar. “Ver o programa de um determinado humorista que você sabe que faz um tipo de piada apenas para criticá-lo me parece uma coisa meio masoquista”, comenta Fernandes.

Conflito religioso

Em 2005, o jornal dinamarquês "Jyllands-Posten" publicou doze charges em que Maomé, o profeta muçulmano, era retratado. Isso causou revolta entre fiéis, com protestos em várias embaixadas do país europeu no Oriente Médio.

“O limite é o limite do respeito. Quero ser engraçado e não ofender” – Carlos Ruas, criador do "Um Sábado Qualquer"

Para Carlos Ruas, criador do site de tirinhas sobre religião "[Um Sábado Qualquer](#)", existe um limite para a brincadeira. “É o limite do respeito. Os muçulmanos são proibidos de desenhar o rosto do profeta Maomé. Ele geralmente é representado com o rosto tapado por um pano e eu faço o mesmo, pois quero ser engraçado e não ofender. Respeito as crenças e crio humor com elas sem ser ofensivo”.

Liberdade artística

“Acho que o humor é a instituição mais livre do mundo. Nem o ditador mais sanguinolento consegue se ver livre do humor”, afirma Celso Ribeiro, colunista do jornal Cruzeiro do Sul (Sorocaba-SP) sob o apelido de [Marvadão](#).

Para ele, o que vale é a liberdade artística. “O humorista tem que simplesmente seguir o feeling, seguir os faros da sua criação, porque ele é um criador, ele é um artista sob esse ponto de vista.”

“Se o humorista fizer um piada de mau-gosto, vai pagar o preço, mas ele tem a liberdade de fazê-la” – Celso Ribeiro, criador do Marvadão

Essa liberdade, para Celso, permite que o comediante seja um pouco preconceituoso, mas não o livra de sofrer consequências: “Acho que o humor tem que ser um pouco

preconceituoso. Ele tem que ser exagerado. Obviamente, se ele fizer uma piada de mau-gosto, ele vai pagar o preço da piada de mau-gosto. Mas ele tem a liberdade de fazê-la”.

Politicamente Correto

O “Politicamente Correto” costuma ser atacado pelos humoristas quando comentam processos judiciais ou se dizem perseguidos pela opinião pública.

No discurso, não se deve fazer piadas racistas, machistas, de humor negro, que humilhem uma pessoa, ou de qualquer outro tipo que reforcem preconceitos existentes ou que incentivem um comportamento de ódio e segregação.

Seguir essa cartilha, na opinião de Celso Ribeiro, não ajuda na formação do senso crítico: “Se o humorista fizer o politicamente correto só, falar aquilo que todo mundo espera que ele fale, ele não corrói nada. Ele não faz as pessoas pensarem.”

O membro do grupo “Casseta & Planeta”, [Hélio de la Peña](#), ressalta que o discurso de politicamente correto surgiu em um momento em que grupos sociais buscavam representatividade (anos 80 e 90).

“Tenho direito de fazer a piada que eu quiser e a outra pessoa tem o direito de ter a opinião dela.” – Hélio de la Peña, integrante do “Casseta & Planeta”

Para ele, não gostar de uma piada é um direito. Mas não se deve exagerar. “Da mesma maneira que eu tenho direito de fazer uma piada sobre o que eu quiser, o cara tem o direito de ter a opinião dele sobre aquela piada. Enquanto está neste trâmite, acho natural estar nesse embate. Agora você querer proibir as pessoas de se manifestarem... aí a coisa fica estranha.”

“Duas bobagens”

Chargista do “Observatório da Imprensa”, e ex-“Folha de São Paulo”, [Spacca](#) lamenta tanto a defesa do discurso do politicamente correto quanto do politicamente incorreto: “Na verdade são duas bobagens, são duas coisas despropositadas”.

“O politicamente correto cria padrões automáticos de respostas” – Spacca, chargista e ilustrador

Na sua avaliação, quando o humorista bombardeia o moralismo, corre o risco de ser superficial. “Esse tipo de contra-ataque é burro. Você diz pro público ‘olha aqui, nós temos dois lados: este se preocupa com os direitos das pessoas oprimidas e esse aqui não tá dando a mínima, qual você acha melhor?’. E a questão não é essa”.

Para Spacca, quando o humorista age dessa maneira, deixa de criticar o que é mais prejudicial. “Uma das características do politicamente correto é criar padrões automáticos de resposta; a pessoa não pensa ou julga, ela aprende a agir conforme é permitido pela moral dominante”.

Técnica

Para o cartunista Fernando Vasqs, tudo que é extremo é ruim. Para ele, equilibrar as coisas é um dos truques do humor. “A grande arte do humor é você descobrir um meio termo, de modo que você não seja tão agressivo nem ser tão ingênuo.”

A visão é compartilhada por Marvadão. Segundo ele, o tempo mostra ao humorista como ser agressivo sem agredir. “Você vai depurando a forma de se dizer as coisas, de tal forma que se diga as coisas sem o confronto grosseiro. Naquilo que você batia de frente, você usa uma ironia mais fina, mais indireta. Você diz a mesma coisa, causa o mesmo efeito e a pessoa acaba rindo, pensando: ‘o cara me pegou e eu não posso pegá-lo’, isso é uma técnica que se aprende.”

8.9.4 Comentário

Optou-se por incluir comentários curtos ao fim de boa parte das notícias para complementar a informação divulgada com posicionamento sobre os fatos, de modo a transmitir um valor e uma opinião.

Por comentário, Marques de Melo compreende uma apreciação valorativa dos fatos.

Suas avaliações da conjuntura são buscadas porque o cidadão quer saber como comportar-se diante dos acontecimentos, reforçando seus pontos de vista ou procurando conhecer novos prismas para entender a cena cotidiana. (MELO, 2005 p.86).

Trata-se de um gênero opinativo produzido em cima dos fatos, que visa explicar, mostrar o alcance, circunstâncias e consequências daquele fato (MELO, 1985 p.87). Ainda segundo Melo, o comentário exige especialização (MELO, 1985, p.88) e este é um dos objetivos da produção do blog “Jornal do Humor”.

Além dessas considerações, optou-se pelo gênero para acrescentar conteúdo autoral às notícias.

Exemplo 4: notícia seguida de comentário, sem a inclusão das imagens.

Conteúdo disponível em
<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/metroviarios-pedem-fim-de-quadro-da.html>

Metroviários pedem fim de quadro da Zorra Total

19:33 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 05/10)

Da redação: A Secretaria de Assuntos da Mulher do Sindicato dos Metroviários de São Paulo entregou nesta quarta-feira (05/10) uma carta na Rede Globo pedindo o fim do quadro "Metrô Zorra Brasil", da "Zorra Total".

No [texto encaminhado](#) à TV, o órgão classifica a atração como agressiva porque "banaliza, de forma sarcástica, a situação de violência à que estão expostas milhares de usuárias do Metrô todos os dias (...) vítimas do assédio do machismo".

No [quadro](#), Janete (interpretada por Thalita Carauta) costuma reclamar do assédio de passageiros para a transexual Valéria (Rodrigo Sant'Anna), que a aconselha a se aproveitar da situação.

Em [carta aberta](#) à população, a Secretaria considera nefasta a prática da emissora: "É lamentável que a emissora líder mantenha um programa que na, na realidade, defende práticas tão nefastas num país onde uma mulher é violentada a cada 12 segundos".

De acordo com a coluna de [Alberto Pereira Jr](#), no "F5", a Rede Globo disse que o "quadro busca entreter e não incitar comportamentos, muito menos a violência contra a mulher".

Fontes: Site www.metroviarios.org.br, Portal Imprensa e F5.

Comentário:

O quadro do programa "Zorra Total" não é dos mais engraçados e o Sindicato tem direito de protestar contra algo que considere ofensivo. No entanto, é um exagero associar um comportamento exibido em um programa humorístico a uma prática criminoso, como estupro no metrô. O que o quadro faz é brincar com uma situação cotidiana (e desrespeitosa) vivida pelas mulheres em metrô ou ônibus.

8.9.5 Entrevista

Optou-se pela publicação de entrevistas para dar espaço à produção humorística, opiniões e experiência de humoristas.

Na estrutura, seguiu-se apontamento de Nilson Lage (2001) de que a entrevista pode ser tratada como notícia. Levou-se em consideração a indicação de que o "lead da entrevista (primeiro parágrafo de uma notícia em jornalismo impresso) será, evidentemente, a proposição julgada mais

relevante” (2001, p.84-85) para estruturar a matéria publicada no blog sobre o entrevistado.

Segundo Lage, no caso do estilo da revista ou do suplemento, a entrevista é “tomada como ponto de partida para uma exposição – um perfil, por exemplo” (2001, p.85). Buscou-se, no blog, formular perfis dentro do recorte estipulado para a produção.

A abertura das entrevistas publicadas no “Jornal do Humor” foi um dos desafios, em que se buscou adotar formulações diferentes a cada matéria. Segundo Lage,

A abertura, como num artigo, pode ser um relato circunstancial, um resumo bibliográfico ou histórico, um questionamento. A ausência de fórmula implica maior dificuldade de redação e necessidade de muitas informações complementares (LAGE, 2001, p.85).

Optou-se também pelo formato de perguntas e respostas, mais trabalhoso, porém mais fidedigno.

Apesar da limitação geográfica (realizou-se boa parte das entrevistas por telefone), pôde-se acumular dezenas de horas de entrevistas que renderam material para a compreensão do humor e para a atualização do blog. O texto final das entrevistas procurou contemplar a biografia dos entrevistados, mostrar quem os influenciou, como se formou o estilo de fazer humor de cada um deles, suas opiniões sobre o politicamente correto e seus projetos da atualidade e para os próximos meses.

A escolha da entrevista como formato das postagens também foi um forma de atrair a atenção dos internautas para o site, por meio de entrevistados conhecidos e de frases marcantes nos títulos.

Optou-se pela postagem semanal de entrevistas para criar uma periodicidade do formato no blog, e fez-se a escolha pelo sábado como dia de postagem por ser este um dia do fim de semana, no qual, julga-se, o internauta tenha mais tempo para a leitura de um texto extenso.

Exemplo 5: optou-se por manter as imagens. Entrevista disponível em <http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/entrevista-deus-e-o-diabo-no-blog-de.html>

Entrevista: Deus e o diabo no blog de Carlos Ruas

10:41 RENATO DINIZ [1 COMMENT](#)

(Postado em 22/10)

A frustração com seu primeiro trabalho como designer mostrou outro lado da vida para o carioca Carlos Ruas. De mágico nos tempos de escola, ele se tornou palhaço profissional e não largou mais a comédia. Resolveu juntar desenho, humor e seu interesse por religiões para criar o blog de tirinhas “[Um Sábado Qualquer](#)”, onde usa como personagens ninguém menos que Deus, o diabo (Luciraldo) e Adão e Eva.

Com o tempo, o que era um hobby virou seu ganha-pão e o niteroiense acrescentou outros personagens bíblicos e fundou um Buteco dos Deuses em seus quadrinhos.

A escolha de um blog foi a alternativa natural à falta de espaço nos jornais impressos. “Eu tentei, mas se você não tem estrada o pessoal te bate a porta”.



Carlos Ruas desenha Deus
e o diabo, a quem nomeou Luciraldo
(Crédito: [blog do autor](#))

Já na grande rede há espaço para mostrar seu trabalho e para colaborar com outros quadrinistas. “Um blog é uma das melhores ferramentas gratuitas de divulgação que a internet te oferece”.

Para fazer humor com crenças, Carlos Ruas tem em casa os livros sagrados de várias religiões, e sabe que brincar com religião não é fácil. “Deus e humor nunca andaram de mãos dadas, um dos mandamentos é ‘não usarás o meu nome em vão’”. Por isso, ele evita ser agressivo. “Respeito as crenças e crio humor com elas sem ser ofensivo, acredito que esses foi o meu trunfo”.

Como solucionar o problema dos mandamentos? “Resolvi isso com uma tira em que Deus está criando eles e escreve ‘Não usarás meu nome em vão... Com exceção do blog 'Um Sábado qualquer' Pronto!’”, brinca o designer de 26 anos.

Confira a entrevista feita com Carlos Ruas

Jornal do Humor: Como surgiu a ideia do Sábado Qualquer?



Carlos Ruas e sua criação.

Ou o contrário

(crédito: <http://www.piadasnerds.com/>)

Carlos Ruas: Tirinhas sempre foram um hobby pra mim, assim como estudar religiões pelo mundo, percebi que tinha grande facilidade em criar humor com esse tema, resolvi então mesclar meus hobbies em um só. Assim surgiu o "Um sábado qualquer" e nada melhor do que Deus para ser o personagem principal. Depois uma coisa foi levando a outra, para ter Deus tem que ter o capeta, para ter Adão tem que ter a Eva e depois Caim. Fui seguindo a ordem cronológica.

JH: Porque escolheu um blog? Você chegou a tentar publicar a tirinha em jornais?

CR: Um blog é uma das melhores ferramentas gratuitas de divulgação que a internet te fornece. Eu tentei procurar mídias impressas, mas se você é uma pessoa nova, não tem uma estrada, não tem currículo, o pessoal te bate a porta. Na internet você faz um blog de divulgação gratuita, no boca a boca. Devo tudo à internet, porque depois de não conseguir um espaço na mídia impressa me restou a web. Por que não? Vi que tinha blogs de tirinhas virtuais, lancei as minhas e foi isso que me consagrou. E há três anos estou vivendo dele.

**"Existem os mais radicais, mas são minoria. A grande massa não vê problema nenhum no blog" -
Carlos Ruas**

JH: Há repercussão negativa por você lidar com a religião? Chegou a sofrer alguma ameaça?

CR: Sempre existe a oposição, os mais radicais, mas eles são minoria. Isso mostra que a grande massa não vê problema nenhum, então estou no caminho certo. Deus e humor nunca andaram de mãos dadas. Um dos mandamentos é "não usar o meu nome em vão". Resolvi isso criando a tira em que Deus está criando eles e escreve "Não usar meu nome em vão... Com exceção do blog 'Um Sábado qualquer'" Pronto! Problema resolvido.

JH: Para você existe algum limite para a piada com a religião?

CR: Sim, é o limite do respeito. Os muçulmanos são proibidos de desenhar o rosto do profeta Maomé. Ele geralmente é representado com o rosto tapado por um pano e eu faço o mesmo, pois quero ser engraçado e não ofender. Respeito as crenças e crio humor com elas sem ser ofensivo. Acredito que esses foi o meu trunfo.

Clique na tirinha para ver o desenho completo:



Tirinha postada no blog em 26 de agosto de 2011 mostra o Buteco dos Deuses

JH: Você pesquisa bastante para poder falar de bíblia, mitologia e teologia?

CR: Realmente tenho que estudar bastante. Antes de falar sobre, precisamos entender bem o tema. Possuo em a casa Bíblia, o Alcorão e o Torá, além de vários livros sobre mitologia e afins.

"Uma vez vi uma imagem de Jesus rindo. [Achei] muito mais simpático." - Carlos Ruas

JH: O que você acha das piadas estereotipadas com evangélicos, umbandistas, judeus e muçulmanos? São engraçadas ou às vezes maldosas?

CR: Olha, sinceramente eu as adoro. Da mesma maneira que fazemos piadas de advogado, do qual os próprios profissionais riem delas, porque não os religiosos? Um dia vi na parede de um estabelecimento a imagem de Jesus rindo, adorei! Muito mais simpático. Diferente dessa coisa de ser algo sério, lembrar a morte sofrida. Quando um ente querido nosso morre, queremos lembrar dele feliz.

JH: Qual é a sua religião?

CR: Bem, é o que sempre me perguntam, mas infelizmente não posso revelar no que eu acredito. Como tenho um público diverso, fica complicado eu dizer de qual lado sou.

JH: Quem te influenciou?

CR: Acho que é uma coisa natural. Desde pequeno a gente vai vendo o que a gente gosta. Acho que assim, teatralmente falando Charlie Chaplin, Mr Bean, Trapalhões. Eu sempre via e gravava e via de novo até decorar. Ia pro espelho fazer careta e praticava, fazia mágica. Na escola isso me ajudou muito a eu deixar de ser uma criança tímida. Na escola eu já era mágico e o pessoal me adorava. Nos quadrinhos o Quino, Laerte, Angeli, Maurício de Souza, Ziraldo. A gente tem que se apoiar em pilares para ver longe!

"No começo o blog era uma válvula de escape. Acho que todo mundo deveria ter algo além do trabalho." -
Carlos Ruas

Clique na tirinha para ver o desenho completo:



Tira de 19 de junho de 2011

JH: Você lia as tirinhas do "Deus" do Laerte? Foi uma das inspirações?

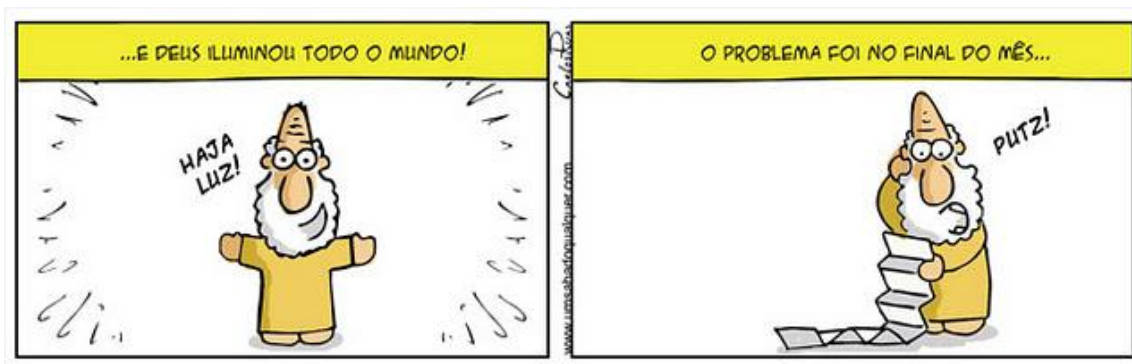
CR: Confesso que quando criei o blog não tinha conhecimento do "Deus" de Laerte, conhecia bem o autor, mas não todos os seus personagens. Fiquei abismado, tinham tiras extremamente parecidas, mas Deus é público, é a mesma coisa se eu criar um personagem político: existem vários. Mesmo nossos personagens sendo "Deus" essa é a única semelhança, o conceito é completamente diferente.

JH: Por que você trabalhou como palhaço?

CR: Pois é. Minha primeira experiência como designer não foi muito boa. Quando essa experiência me frustrou, eu me imaginei velho, naquela mesma mesa, mesmo chefe, não é isso que eu quero. E eu sempre gostei de humor, trabalhando de todas as formas, vídeos, teatro, desenho, uma coisa que eu tenho facilidade. Então como eu já fazia uns shows beneficentes, teatrinho com meu irmão em creches, decidi ser

um palhaço profissional. Foram dois anos, uma parte muito alegre da minha vida, mas acabei voltando para o design, numa empresa que eu adorei. Depois que eu criei o blog me fixei nisso. Palhaço ainda é um hobby. No Dia das crianças, nas festinhas da minha família eu adoro me fantasiar de palhaço, mas estou um pouco enferrujado.

Clique na tirinha para ver o desenho completo:



Tira de 10 de maio de 2011

JH: Demorou para você conseguir viver do site?

CR: Demorou, mas no início era um hobby. Não era para ser uma coisa rentável. Eu trabalhava, tinha um trabalho, um emprego fixo e é como se fosse uma válvula de escape. Acho que todos nós temos que ter algo além de nosso trabalho, algo prazeroso. O meu era fazer tirinha. A minha intenção inicial não era ter retorno. Uma coisa foi levando a outra.

JH: Nos blogs existe uma colaboração entre os vários humoristas. Isso ajuda?

CR: Ajuda muito quando o blog está começando. A parte mais difícil após montar um blog é a divulgação. O que eu vou fazer para que as pessoas o conheçam? As ferramentas são poucas, divulgar em redes sociais, facebook, Orkut, para as pessoas verem e compartilharem. A outra é parceria com outros blogs. Digamos que tem um blog que tenha 500 visitas, e você tem umas 200, 300. Vocês vão se interessar em um divulgar o outro. A gente troca figurinha, troca leitores, e assim a gente vai ganhando leitor. Todos crescem com isso.

8.9.6 Crítica (ou resenha)

O texto opinativo utilizado no blog para avaliar produtos humorísticos segue o que Melo define como Resenha: “A resenha configura-se então como um gênero jornalístico destinado a orientar o público na escolha dos produtos culturais em circulação no mercado.” (MELO, 1985, p.99), no entanto o nome

“crítica” foi utilizado porque se julgou ser este o termo mais popular e menos erudito ao internauta.

Segundo Melo, a resenha aponta uma tendência à apreciação ligeira. Um comentário breve de um produto ligado ao humor.

Inicialmente, o formato opinativo não estava previsto no “Jornal do Humor”, mas foi incluído porque se avaliou que o leitor do blog busca algo sobre produtos ligados ao gênero.

A escolha de filmes não se baseou apenas nas obras em cartaz nos cinema: buscou-se tratar de filmes importantes para o humor e para o cinema em geral, não com uma visão centrada na produção, mas com destaque para o humorismo.

A postagem da crítica ou resenha realizou-se em alternância com a do editorial, por se tratar também de material opinativo.

Exemplo 6: Crítica disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/critica-satira-politica-e-religiao-em.html>

Crítica: a sátira à política e à religião em 'A Vida de Brian'

10:22 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 23/10)

Um habitante da Judeia, com ideias revolucionárias, é seguido por multidões e perseguido pelos romanos. Seria o destino, se não fosse um engano. Essa é a trama do polêmico filme *A Vida de Brian*, escrito e interpretado pelo grupo inglês Monty Python.

Brian é confundido com Jesus em seu nascimento - os três reis magos são obrigados a pegar de volta a mirra, o incenso e o ouro dados a sua mãe. Quando adulto, para se esconder dos romanos, ele imita um profeta e prega um confuso sermão em praça pública. Assim ele acaba despertando a adoração de uma multidão, certa de que ele é o salvador, que estava lá para passar alguma mensagem.

O filme, cujo fim é um dos mais inesperados e divertidos do Cinema, causou a revolta da Igreja Católica por remontar a vida de Cristo com uma comédia. Os membros do grupo admitiram que a ideia inicial era fazer um filme sobre Jesus, mas recuaram e optaram por usar apenas o contexto daquela época.

A crítica ao catolicismo e à fragmentação da religião está presente. Certa hora, quando Brian deixa para trás uma cuia e uma sandália, seus seguidores dividem-se entre os que acreditam que o calçado é um presente de Deus e os que veem na cuia o objeto a ser adorado.

A maior crítica do grupo inglês recai sobre o pensamento acrítico. É o que mostra o discurso do protagonista na janela de sua casa. A multidão repete suas palavras sem entendê-las. Quando ele diz "Vocês são todos diferentes", todos respondem num uníssono sem personalidade "Somos todos diferentes!".

Outro alvo são os sindicatos e organizações sociais de posição ideológica discutível. Brian entra para a Frente do Povo Judeu, de oposição ao Império Romano, mas que odeia mais ainda a Frente Judaica do Povo e a Frente Popular do Povo Judeu.

O filme é produzido por ninguém menos que George Harrison. O ex-Beatle afirmou aos humoristas que bancou o projeto simplesmente porque "Queria ver como o filme seria". O resultado agradou.

8.9.7 Editorial

Optou-se pela adoção de um editorial, intitulado "Opinião" para demonstrar o posicionamento do "Jornal do Humor" com relação a acontecimentos ou temas ligados ao humorismo.

Buscou-se comentar fatos e temas com isenção jornalística, enquadrando-se no estilo intelectual, segundo classificação de Marques de Melo: isto é, racionalizado e emocional. Buscou-se também o estilo polêmico e contestador (1985, p.84) de modo a tornar mais qualificada a discussão sobre o humor.

A estrutura e a linguagem do editorial presente no "Jornal do Humor" seguem padrão apresentados pelo teórico Luiz Beltrão, como atributos de *impessoalidade* (não era assinado e não está na primeira pessoa), *topicalidade* (foca em um único assunto), *condensalidade* (poucas ideias com ênfase a argumentos e exemplos) e *plasticidade* (não dogmatismo, busca pelo outra ideia, que não vem sendo defendida, mas que é importante) (MELO, 1985, p.82).

Atentou-se em deixar claro nosso posicionamento logo no título ou nas primeiras linhas, além de abrir cada parágrafo com uma opinião a ser detalhada nas linhas subsequentes.

Tomou-se cuidado para que o editorial não reproduzisse lugares-comuns, como defesa da liberdade total de criação sem censura ou opiniões moralistas sobre piadas, enfim, posicionamentos que não trariam verdadeira reflexão sobre o assunto escolhido para os textos.

Optou-se pela postagem do editorial aos domingos, em alternância com a Crítica, por compreender que é um texto de leitura densa e que desperta mais atenção do internauta em seu momento de descanso.

Exemplo 7: Editorial disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/opiniao-as-piadas-de-rafinha-bastos-e.html>

Opinião: Rafinha Bastos não pode fingir que não há consequências

11:18 RENATO DINIZ [1 COMMENT](#)

(Postado em 03/10)

Rafinha Bastos está passando dos limites. Pelo menos é isso que a TV Bandeirantes dá a entender ao suspendê-lo por causa de uma piada com a cantora Wanessa Camargo. “Eu comeria ela e o bebê”, disse no programa “CQC”.

Veja também: [Rafinha Bastos é suspenso do "CQC" por causa de piada](#)

É mais uma das polêmicas envolvendo o comediante gaúcho, enquadrado no grupo dos politicamente incorretos. Para as reportagens do **Jornal do Humor**, sempre que o assunto era esse, humoristas o citavam, defendendo sua liberdade ou criticando sua irresponsabilidade.

Rafinha Bastos já teve que prestar depoimento no Ministério Público por causa de uma piada com estupro e tomou uma bronca da direção da emissora depois de fazer piadas com uma apresentadora de um canal concorrente.

As repercussões internas e externas que atingem Rafinha mostram que a ideia de humor sem limites não é verdadeira. Ele pode – e deve – ter a autonomia de fazer a piada que bem entender, mas não pode fingir que não enfrentará consequências.

**Rafinha pode fazer piadas com o que bem entender,
mas não pode fingir não terá consequências**

Vivemos, sim, uma época em que o público parece ter perdido a capacidade de rir e quase tudo pode ser usado contra você (humorista) em um processo judicial. Uma das funções do humor é questionar e criticar o senso comum, mas ele não é exclusivamente enfrentamento, mesmo que alguns profissionais do ramo ajam dessa maneira.

No entanto, cabe aqui esclarecer que o mal estar envolvendo Wanessa Camargo é muito diferente da polêmica piada sobre estupro, em que Rafinha argumentava que as mulheres que são estupradas são muito feias e que deveriam na verdade agradecer a seus agressores.

Aquela piada era contada há mais de 2 anos em shows do humorista e foi estampada nas páginas de uma reportagem da revista "Rolling Stone". Como Rafinha argumentou na época, a frase tirada do contexto dá a entender uma coisa completa diferente do que se interpreta durante suas apresentações. Tanto que ela nunca tinha sido motivo de confusões.

A piada com Wanessa Camargo foi dita no ar, ao vivo, diferente de uma piada feita em um show stand-up

Mas a situação agora é diferente. A piada de Rafinha não brotou de uma publicação ou foi tirada de contexto. Foi dita no ar, ao vivo, em um dos programas de maior audiência entre o público jovem das classes A e B. Seu público era bem distinto, e diferente de uma apresentação stand-up, nem todos estavam lá para vê-lo.

Enquanto seu colega de bancada Marco Luque lamenta a piada, Danilo Gentili argumenta: “Sempre enxerguei algo mais significativo sendo construído por um comediante linchado por falar merda do que por um queridinho por puxar sacos”, tentando dizer que prefere o questionamento e a sagacidade do humorista ao discurso do “tudo é lindo”.

A principal lição para Rafinha não deve vir de processos judiciais ou reclamações do público e sim da influência e o aprendizado com mestres do humor. Marcelo Tás sabe ser ácido sem perder a compostura, o que fez com que ele comandasse um programa repleto de críticas e que mesmo assim consegue atrair o gosto de político de diferentes ideologias políticas.

Talvez o melhor conselho para Rafinha seja olhar para a esquerda da bancada do CQC.

8.10 QUANTIDADE DE ACESSOS

As postagens do site foram feitas inicialmente na plataforma Wordpress (<http://wordpress.com/>) e o blog tinha o nome “O Jornal do Humor” (<http://www.ojornaldohumor.wordpress.com>), e foram feitas entre 1º de julho de 2011 e 03 de outubro de 2011. No dia 03 de outubro começaram as postagens na plataforma Blogger (www.blogger.com), que se estenderam até 23 de outubro. Por meio do recurso de “exportação e importação” entre as duas

plataformas, foi possível transferir o material postado no Wordpress para Blogger, com alguns erros de configuração que foram sanados.

Foram feitos 41 posts no Wordpress (análise feita no dia 4 de novembro de 2011, às 00h22) sendo que o mês em que houve maior quantidade de acessos foi setembro: 719 visitas. O pico foi registrado no dia 16 de setembro, com 95 visitas. No mesmo dia foi postada a entrevista com o humorista Nelito Fernandes (Apêndice Q), a mais acessada até então: 79 acessos, sendo 57 naquele dia.

No Blogger foram registradas 2.304 visitas (análise feita no dia 4 de novembro de 2011, às 00h42). No entanto o site contabilizou por tempo indeterminado os acessos do próprio mediador do blog. No mês de outubro foram 2.111 visitas. A matéria mais acessada é a entrevista com Carlos Ruas, cujo link foi divulgado no link do cartunista e que cujo conteúdo está neste relatório do sub tópico “Entrevista”: 257 acessos. No dia de sua publicação (22 de outubro), foi registrado o pico do site em acessos: 495 visitas. As outras notícias mais acessadas foram, na ordem: “Notas - Monica Iozzi provoca Rafinha Bastos e mais”: 86 Visualizações de página; “Notas - Ministra apoia protesto contra Zorra e mais”: 23 Visualizações de página; “Entrevista: Hélio de la Peña prepara Casseta”: 23 Visualizações de página; “Reportagem - Humoristas opinam: Existem limites para o humor?”: 16 Visualizações de página e “Entrevista: a crônica esportiva nos traços de Gustavo Duarte: 16 Visualizações de páginas.”

DIVULGAÇÃO via twitter e facebook.

8.11 ESCOLHAS TÉCNICAS

8.11.1 Layout

Para a elaboração do website “Jornal do Humor” optou-se por pesquisar desenhos de blogs que contemplassem a postagem de vários textos (com a disponibilização de título da postagem e um trecho inicial, e não do texto na íntegra, como acontece no formato tradicional de blogs), permitisse o uso de

imagens na página principal e que contivessem páginas para editorias. Por esses motivos, adotou-se o layout intitulado “NewsReport”, disponibilizado no website <http://www.premiumbloggertemplates.com>.

A escolha para um modelo que permitisse a criação de páginas se deu porque se pretendia organizar o conteúdo da página inicial em editorias, de modo a facilitar a busca de internautas por conteúdos específicos, como Entrevistas, Opinião e Notícias, como mostra o modelo a seguir:

Exemplo 10:



Para o caso de entrevista, separou-se o material em “Humoristas de TV”, “Humoristas de Internet” e “Cartunistas” (título que inclui ainda chargistas e quadrinistas).

Exemplo 11:



Embora se buscasse o distanciamento da página com um blog pessoal, manteve-se a marcação de categorias (assuntos) na página principal para que o internauta conseguisse acessar um assunto ainda mais específico, como “Allan Sieber” ou “Salão de Humor de Piracicaba”, sem precisar buscar nas editoriais. Disponibilizou-se um link para notícias mais acessadas para medir a quantidade de acessos, o interesse do público e ao mesmo tempo instigar a curiosidade de leitores.

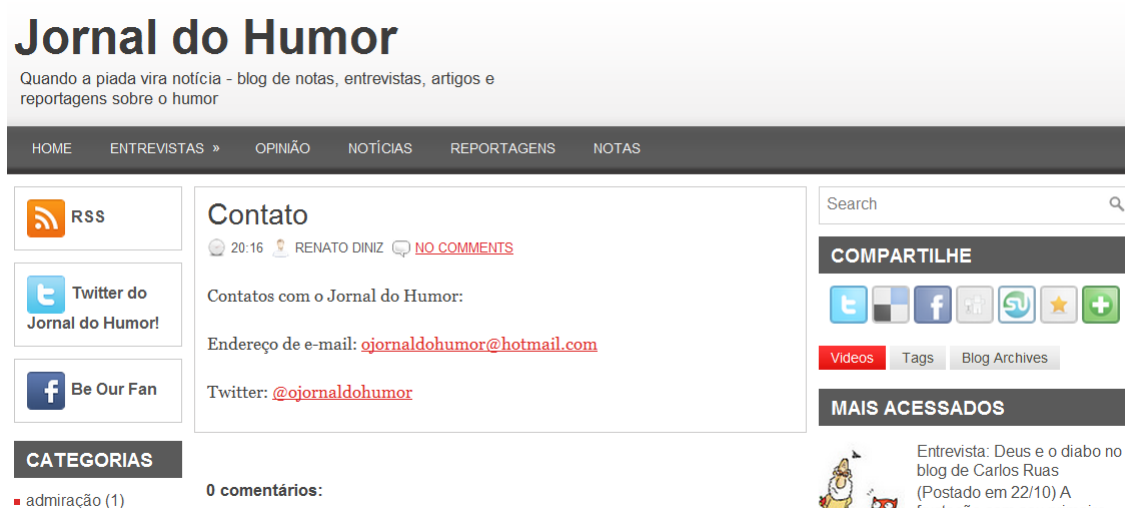
No alto da homepage, incluiu-se uma janela com descrição do site “Sobre o Jornal do Humor”, porque, segundo os autores Nielsen e Tahir, “é um dos elementos que você pode incluir que mais aumenta a confiabilidade”.

Exemplo: 12



Optou-se por adicionar um link no alto da tela para a página “Contatos” com informações para que usuários entrem em contato com o site, por meio do microblog Twitter ou via e-mail específico do blog.

Exemplo 13:



O texto do blog aparece centralizado na tela. No lado direito da tela, estão as matérias mais acessadas e à esquerda está a coluna de tags (etiquetas, marcadores de assunto), utilizadas para chamar atenção e indicar assuntos que podem interessar ao leitor do blog.

Encontraram-se algumas limitações com este modelo: o texto que aparece na homepage é o trecho inicial da postagem, e não foi possível contornar isso adicionando um texto próprio. No entanto, analisou-se que isso não prejudica a visualização do blog. Pelo contrário, pode até incentivar o leitor a clicar na notícia. Não foi possível também alterar, via HTML, o texto em inglês “Read More” para “Leia Mais”.

Exemplo 14: homepage acessada em 02 de novembro de 2011:

HOME
ENTREVISTAS
OPINIÃO
NOTÍCIAS
REPORTAGENS
NOTAS

RSS

Twitter do
Jornal do Humor!

Be Our Fan

CATEGORIAS

- admiração (1)
- Allan Sieber (1)
- artigo (1)
- bh (1)
- blogs do alem (1)
- blogsdoalem (1)
- bom dia (2)
- canal (1)
- carlos didier (1)
- carta capital (1)
- cartacapital (1)
- cartum (1)
- cartunista (2)
- cartunistas (3)
- cartuns (1)
- casseta (3)
- charge (2)
- charges (2)
- chargista (3)
- chargistas (2)

Crítica: a sátira à política e à religião em 'A Vida de Brian'

10:22 RENATO DINIZ NO COMMENTS



(Postado em 23/10) Um habitante da Judeia, com ideias revolucionárias é seguido por multidões e perseguido pelos romanos. Seria o destino, se não fosse um engano. Essa é a trama do polêmico filme A Vida de Brian, escrito e interpretado pelo grupo inglês Monty Python. Brian é confundido com Jesus em seu nascimento - os três reis magos são obrigados a pegar de volta a mirra, o incenso e o ouro dados a sua mãe. Quando adulto, para se esconder dos romanos, ele imita um profeta e prega um confuso sermão em praça pública. Assim ele acaba despertando a adoração de uma multidão, certa de que ele é o salvador, que estava lá para passar...

[Read More](#)

Entrevista: Deus e o diabo no blog de Carlos Ruas

10:41 RENATO DINIZ 1 COMMENT



(Postado em 22/10) A frustração com seu primeiro trabalho como designer mostrou outro lado da vida para o carioca Carlos Ruas. De mágico nos tempos de escola, ele se tornou palhaço profissional e não largou mais a comédia. Resolveu juntar desenho, humor e seu interesse por religiões para criar o blog de tirinhas "Um Sábado Qualquer", onde usa como personagens ninguém menos que Deus, o diabo (Luciraldo) e Adão e Eva. Com o tempo, o que era um hobby virou seu ganha-pão e o niteroiense acrescentou outros personagens bíblicos e fundou um Buteco dos Deuses em seus quadrinhos. A escolha de um blog foi a alternativa natural à falta de espaço...

[Read More](#)

Search

COMPARTILHE

Videos
Tags
Blog Archives

MAIS ACESSADOS

Entrevista: Deus e o diabo no blog de Carlos Ruas (Postado em 22/10) A frustração com seu primeiro trabalho como designer mostrou outro lado da vida para o carioca Carlos Ruas. De mágico no...

Notas - Monica Iozzi provoca Rafinha Bastos e mais: Pânico pode ter demissão (Postado em 04/10) Assunto da noite O programa "CQC", da TV Bandeirantes pouco tocou no assunto Rafinha Bastos, depois de sua suspensão...

Notas - Ministra apoia protesto contra Zorra e mais: Legendários, Rafinha Bastos e Enem (Postado em 10/10) A partir de hoje, a coluna de notas do Jornal do Humor será atualizada todas as segundas-feiras. Legendários Nem "P...

Entrevista: Hélio de la Peña prepara Casseta para nova realidade (Postado em 15/10) Nada de descanso. Mesmo com o "Casseta & Planeta" fora do ar este ano, Hélio de la Peña trabalha na reformulação do pr...

Entrevista: a crônica

Na página principal e em cada uma das páginas do blog, está disponível uma barra de pesquisa no canto superior direito da página. Embora o título ideal fosse "Pesquisa" ao invés de "Search", não foi possível fazer a alteração via HTML.

Optou-se também pelo layout mencionado, pois ele disponibiliza contato com redes sociais.

Sobre a escolha de cores de fontes e do fundo, preferimos a cor preta no texto e um fundo branco, porque o contraste, segundo o autor João Canavilhas (2007, p.60), torna a leitura mais fácil.

8.11.2 Fontes e espaçamento

Para a escolha de fontes para o blog, optou-se por seguir recomendação de João Canavilhas de adotar poucos tipos de letra, e de lançar mão, de preferência de fontes tradicionais (CANAVILHAS, 2007, p.60). Por isso, escolheram-se as fontes Georgia, para os textos, e Arial, para títulos e olhos. Para intertítulos, usou-se Georgia grifado.

Exemplo 15: disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/entrevista-helio-de-la-pena-prepara.html>

... (1) a folha (1) stavo Duarte (1) tória em quadrinho oby (1) igan (1) nor (5) mor de papel (7) mor na TV (8) mor no Cinema (2) norista (1) noristas (1)	um ambiente completamente diferente do que você tinha acostumado antes. "Todo mundo está paranoico com o politicamente correto" - Hélio de la Peña  JH: Como foram os problemas que vocês tiveram com relação a algumas piadas? HP: Teve alguns problemas, mas com pessoas que a gente ficou surpreso delas terem tempo de se preocupar com a gente, já que tinha outros problemas bem maiores. Como por exemplo teve uma época em que uma fraudadora do INSS chamada Jorgina de Freitas entrou em processo contra a gente. Teve um cara chamado Arthur Falk que alegava	Entre Ci Rep E Dia c Al Nota Mi Opin Be Entre Ci Rafir tré Morr
--	--	--

Optou-se – e fez-se a alteração via HTML – por uma fonte sem serifas (Arial) nos títulos para permitir melhor visibilidade. Já para o texto, optou-se por uma fonte com serifas (Georgia), que traz impressão de credibilidade e facilita a leitura de textos longos, presentes no site em entrevistas (PINHO, 2003, p.180).

O tamanho escolhido para as fontes foi de 14 pixels para textos, 24 pixels para os títulos e 18 pixels para o olho. O espaçamento, segundo orientação buscada na internet, é de 20 pixels, dentro da porcentagem estipulada de 120 a 200% do tamanho da fonte (VICTOR, 2009).

8.12 USO DO TWITTER E DIVULGAÇÃO

Optou-se por usar as redes sociais tendo em vista o maior espaço para divulgação que elas proporcionam, o que foi comprovado durante os nossos trabalhos. Inicialmente, usamos o microblog pessoal e em seguida criamos o @ojornaldohumor, sendo que não foi possível criarmos a conta @jornadohumor, já em uso.

A divulgação do site Jornal do Humor foi feita via redes sociais, com destaque para o uso do twitter @ojornaldohumor e de contas pessoais no Twiter e Facebook.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da produção do blog “Jornal do Humor” concluiu-se que é possível produzir conteúdo jornalístico especializado sobre o humorismo à despeito da prática corriqueira da mídia de tratá-lo como um assunto secundário, com atenção, muitas vezes, limitada a um grupo ou a um personagem do humor.

Mesmo que o período de postagens tenha sofrido a influência de uma polêmica envolvendo o humor (caso Rafinha Bastos x Wanessa Camargo), várias informações e entrevistas ficaram de fora do produto apresentado. Daí se pode afirmar que é possível abastecer o site de conteúdo informativo, interpretativo e opinativo sobre o humor.

Com o desenvolvimento do trabalho foi possível ainda traçar os níveis do humor, por meio de uma apropriação da tese de Immacolata para a pesquisa, isto é, descobrir quais são os níveis *técnico*, *metódico*, *teórico* e *epistemológico* do humor. Humoristas entrevistados responderam que o humor não possui uma técnica exata: trata-se de fazer rir. É um processo indutivo que, segundo eles, não se pode aprender ou ensinar. No entanto, com poucas exceções, grande maioria deles citou outros humoristas como referência, ao menos no começo da carreira, o que deixa claro que houve, em algum momento, uma apropriação da técnica dos veteranos, em se tratando de textos, trejeitos ou traços.

Observou-se que a técnica humorista consiste em produzir textos curtos e claros, embora se apoiem numa ambiguidade. Isto é, a ambiguidade precisa ser clara para que se atinja o efeito do humor.

Quanto à sua metódica, notou-se que o humorismo apropria-se de assuntos do cotidiano, bem como de fatos ou acontecimento de conhecimento de seu público alvo, o que explica a escolha por notícias amplamente divulgadas. Humoristas entrevistados disseram apenas ler o jornal (muitas vezes o próprio jornal para o qual trabalham) para produzirem o humor baseado no cotidiano, o que pode significar que eles seguem a tendência do jornal e fazem um tipo de editorial alternativo, o que, em nossa interpretação, pode fazer com que o humorista, conscientemente ou não, seja utilizado pelos veículos de comunicação para falar o que se espera dele.

Chegou-se à conclusão de que o discurso do humor está na ficção baseada na realidade. O humor é o discurso assumido de que aquilo não é sério, mas que, em muitos casos, tem um fundo de verdade que não se deve desprezar e uma forma de se dizer aquilo sem sofrer algum tipo de reprovação (ou com menos chances de reprovação) é pelo humor.

No campo teórico, Sírío Possenti (2010) defende que o humor é uma forma de dizer um discurso que não pode ser dito de uma forma séria. Trata-se, portanto, de um tema caro a diversas áreas do conhecimento humano e que em muito pode contribuir para o desenvolvimento das ciências humanas, e em especial, nos estudos sobre a comunicação.

Ao levar todos esses apontamentos em consideração, interpretou-se que o humor pode ser usado para manipular, distrair, questionar, subverter a lógica, protestar ou humilhar. Tudo depende da maneira como ele é utilizado, qual é o preparo e a experiência do humorista, bem como sua relação com a mídia ou com a empresa em que atua e para qual fim ele é utilizado.

Quanto ao nível epistemológico, interpretou-se que o humorismo é uma forma fundamental de se informar sobre a realidade a partir de um ponto de vista diferente do padrão, mais ácido e crítico. Delimita-se usualmente o humor como entretenimento, modo de fazer pensar, embora não haja consenso entre os próprios humoristas e público se ele deve ser crítico ou não falar de nada. Muitos humoristas entrevistados nos responderam que, em suas opiniões, humor é fazer rir. Ao cartunista Jaguar é atribuída a máxima de que não existe humor a favor.

Avaliou-se que resumir o humor ao risível é simplista, porque não valoriza a função do humor de analisar um fenômeno com outro olhar e porque dá uma noção de que é um trabalho para o qual é necessário exclusivamente talento, algo que não se aplica na realidade, uma vez que o humorista precisa saber do que está falando e ter noção da consequência do que está fazendo.

Por fim, conclui-se que a montagem de um website, no formato blog, é uma maneira econômica e adequada de se produzir material jornalístico de qualidade, e uma importante ferramenta de edição, checagem e divulgação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. 63 p.

BERGSON, Henri. **O Riso: Ensaio sobre o significado do cômico**. 2. ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993. 142 p. Obra original publicada em 1900; (tradução de CASTILHO, Guilherme de).

CANAVILHAS, João. **Webnotícia: proposta de modelo periodístico para la WWW**. Salamanca: Livros Labcom, 2007. 258 p. Obra disponível em <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/canavilhas-webnoticia-final.pdf>.

FOLHA de São Paulo. **Manual de redação**. 6. ed. São Paulo: Publifolha, 2001.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001. 189 p.

_____, Nilson. **Estrutura da Notícia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. 64 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura - jornalismo literário**. Editora Unicamp, Campinas, 2005. 271 páginas.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Pesquisa de comunicação. **Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 27, n. 1, jan. 2004, p.13-40.

MAGALHÃES, Helena Maria Gramiscelli. **Aprendendo com humor**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985. 168

NIELSEN, Jakob e TAHIR, Marie. **Homepage: 50 websites desconstruídos**. Rio de Janeiro: ed. Campus, 2002.

PINHO, José Benedito. **JORNALISMO NA INTERNET: PLANEJAMENTO E PRODUÇÃO DA INFORMAÇÃO ON-LINE**. São Paulo: Summus, 2003. 180 p.

POSSENTI, SÍRIO. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010. 183 p.

VICTOR, Ramon. **Legibilidade na web**. Disponível em: **<<http://www.ramonvictor.com/legibilidade-na-web/>>**. Acesso em: 30 jun. 2009.

9 APÊNDICES

No apêndices a seguir foram mantidas configurações da postagem original. No entanto o corpo do texto das matérias é de 10,5 pixels, e não 14 pixels (caso do site).

Apêndice A: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/09/cartunistas-jean-e-nassara-sao.html>

Cartunistas Jean e Nássara são lembrados no Prêmio Jabuti

18:31 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)



(Postado em 23/09)

Da redação: A organização do 53º Prêmio Jabuti divulgou na quarta-feira (23/09) a lista dos dez finalistas em cada uma das [29 categorias](#). Entre os indicados, estão a história em quadrinhos **Vó**, do cartunista da "Folha de São Paulo", Jean Galvão, e a biografia **Nássara passado a limpo**, sobre o músico e cartunista morto em 1996.

O livro de Jean, [entrevistado](#) pelo **Jornal do Humor** durante o Salão de Humor de Piracicaba, concorre com outras nove obras na categoria Ilustração, a maioria delas no gênero ficção.

O cartunista de 37 anos tem como adversários os desenhistas Carlos Dala Stella, Manu Maltez, Laura Gorski, Daniel Bueno, Karen Elis Cornacchia, Vivian Suppa, Mariana Massarani, Caeto e Rafael Coutinho ([veja a lista completa](#)).

Já Antônio Gabriel Nássara (1909-1996) é retratado nas 252 páginas da biografia escrita por Carlos Didier. Nássara compôs músicas com Noel Rosa e Ary Barroso (é sua, por exemplo, a marchinha "Alá-lá-ô", feita em parceria com Haroldo Lobo) e publicou cartuns e charges nos jornais "O Globo" e "Última Hora", revista "O Cruzeiro". Mais tarde trabalhou com a geração que ele próprio influenciou (Millôr Fernandes e Jaguar) no semanário "O Pasquim".



Tirinha de Jean está na contracapa de seu livro (Crédito: Divulgação)

O livro **Nássara passado a limpo** concorre com biografias de Lobão, Mário de Andrade, Ruth Cardoso e Adolpho Block ([veja todos os finalistas da categoria](#)).

A premiação é referente a 2010. Ao todo, foram inscritas 2.619 obras e o resultado final, com um único vencedor por categoria (e não três, como nos últimos anos) será anunciado em 30 de novembro.

Com informações de : ["Folha de São Paulo"](#), [blog de Maurício Stycer](#), ["Ig"](#) e [site oficial do prêmio](#).

Legenda da primeira imagem: caricatura de Getúlio Vargas feita por Nássara (blog de Maurício Stycer)

Apêndice B: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/09/entrevista-inspiracao-para-humor-de.html>

Entrevista: inspiração para humor de Vitor Knijnik veio do além

21:09 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 24/09)

A ligação telefônica caiu sete ou oito vezes. "São os espíritos agindo", brincou o gaúcho

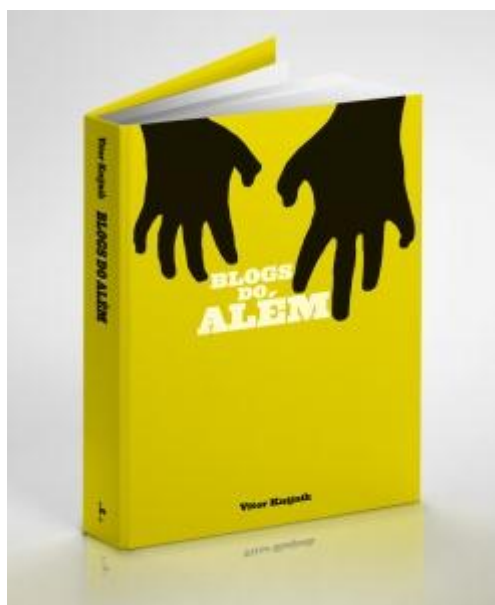
Vitor Knijnik, publicitário de 45 anos, responsável pela coluna **Blogs do Além** da revista "Carta Capital".

Eu sua coluna, Vitor dá voz a personagens que já morreram para comentar acontecimentos atuais (clique no nome dos personagens para ler os textos). Nessa lógica, [Pero Vaz de Caminha](#) reclama da concorrência de sua carta com o Twitter, [Nelson Rodrigues](#) aborda sucessos do Youtube e [George Washington](#) lamenta o rebaixamento da nota de confiança na economia dos Estados Unidos. "É desse contraste que a gente consegue extrair o riso e até fazer pensar sobre o impacto dos grandes pensadores nos dias de hoje", justifica.

O [site](#) com a coletânea de textos humoristicamente psicografados por Vitor e layouts produzidos pelo artista Bruno Martins foi premiado em 2010 no concurso mundial [The BOBs - Best of Blogs](#). 99 desses textos estão no livro **Blogs do Além** lançado pela editora Realejo em setembro.

A sugestão de um espaço para o humor na "Carta Capital" partiu do próprio publicitário. Em um trabalho para a publicação, ele diagnosticou que revista era muito densa e precisava de um espaço mais solto. A publisher Manuela Carta foi direto ao ponto e sugeriu que Vitor preenchesse esse espaço. "Demorei um ano para fazer alguma coisa. Numa reunião me deu um estalo: se Shakespeare tivesse um blog certamente ia sofrer com comentários". Mais tarde a ideia evoluiu para textos imitando blogs, "feitos" por personagens diferentes.

Apesar de ter trabalhado com o humor na juventude e de ter transportado essa abordagem para o seu trabalho como publicitário, Vitor Knijnik sentiu a pressão de entrar para o nicho de seu ídolo, Millôr Fernandes. Agora se sente à vontade no humor. Para ele, "o humorista tem sempre um outro ponto de vista" sobre diversas questões.



Para produzir textos (ou psicografar, como ele brinca), o autor pesquisa sobre o personagem, mas, por lidar com grandes pensadores e ídolos em geral, acaba suscetível a críticas: "Tem muita gente que critica e fala: 'tal personagem jamaisalaria isso' e eu respondo 'é mesmo, jamaisalaria porque já está morto'. É tudo uma brincadeira".

Confira a entrevista feita pelo Jornal do Humor com Vitor Knijnik:

Jornal do Humor: Como foi o seu começo no humor e o seu começo com o blog?

Vitor Knijnik: O começo com o humor é uma afinidade que vem desde a infância. Sempre gostei mais de comédia do que drama e quando eu comecei minha vida profissional estava surgindo o VHS. Sempre gostei muito de televisão e fazia uns vídeos de humor. Já a história do blog veio meio que por acaso. Eu estava com um trabalho [com sua agência de publicidade] com a "Carta Capital" e eu numa reunião com a interlocutora da "Carta", a Manuela Carta, sugeri que a revista precisava de um arejamento, porque é uma revista que tem uma certa densidade nos textos, nos assuntos abordados e ela falou "faz alguma coisa, você é super engraçado, faz que eu mostro pro meu pai", no caso o Mino Carta, diretor de redação.

JH: E por que o formato do blog?

VK: Como eu sou muito rápido, demorei um ano para fazer alguma coisa e no ano seguinte me deu um estalo de fazer um blog. Numa reunião [em sua agência de publicidade], a gente estava falando de redes sociais, comentário de blogs e eu falei "olha, ninguém fica inatacável na internet, se Shakespeare tivesse um blog certamente ele ia sofrer muito com os comentários. Não iam perdoar nem o 'Ser ou não ser'. Escreveriam embaixo: 'que droga é essa?'" E quando eu falei isso eu me dei conta de que era divertido. Resolvi investigar o formato, fiz uns três ou quatro blogs, e levei pro Mino Carta, ele gostou e foi assim que começou.

"Eu não tento me passar pelos personagens. Eu tento me usar deles como instrumento para fazer humor" - Vitor Knijnik

JH: Como é a repercussão da coluna?

VK: Tem de tudo, mas te digo que tem mais gente que elogia. Tem muita gente que se irrita, não entende a brincadeira. O blog que me deu mais problemas foi com o [Michael Jackson](#), que os fãs não entenderam a piada. Mas eu acho que isso é parte daquilo que eu falei da internet. É um lugar que dá microfone para todo mundo. Quem tá publicando tem que conviver com todo o tipo de reação. Tem muita gente que não aceita que tal personagem fale tal coisa, "tal personagem jamais falaria isso!" e eu sempre concordo, "o personagem jamais falaria isso porque ele tá morto, isso é uma invenção, é uma brincadeira". Eu sempre tento deixar clara a intenção, que é uma brincadeira no meu blog. Eu não tento me passar por eles. Eu tento me usar deles como instrumento para fazer humor.

JH: Como é sua produção? Você pesquisa para produzir os textos?



VK: Pesquisar sobre os personagens é fundamental para não escrever uma bobagem além das bobagens que escrevo para tentar provocar o riso. A escolha do personagem também é meio misteriosa... mas não me adianta ter só o personagem se eu não tenho a piada. Em geral eu procuro uma piada, uma ideia que seja o eixo central da brincadeira. Alguma coisa que conduza. Então, no [blog do Pasteur](#), ele fala do ressentimento que ele tem em relação a Einstein de ele não ter virado símbolo de genialidade, mas ele diz que tem uma certa vantagem, porque o mundo virou todo pasteurizado, então seu invento prevaleceu. Essa é a ideia central, não me interessa exatamente a biografia do Pasteur, a não ser no que se concerne brincar sobre tudo que está parteurizado.

JH: A base do seu humor é juntar personagens do passado com a atualidade?

VK: Eu tento sempre fazer um pouco disso, porque acho que é desse contraste que as coisas ficam engraçadas. É dessa mistura que a gente às vezes consegue extrair risos e até às vezes pensar sobre o impacto dos grandes pensadores dos dias de hoje, ou o impacto dos grandes cientistas. A gente às vezes não percebe. E às vezes tem situações que se impõe, do tipo o blog da [Simone de Beauvoir](#), em que ela vai ver "Sex And The City". Essa ligação de uma feminista indo ver "Sex And The City" é um negócio que tem uma possibilidade cômica interessante. Ou o [Kant](#) quando ele fala de Exaltasamba. Esses links não usuais entre o presente e o passado são coisas que eu sempre busco.

JH: Quem te influencia no humor?

VK: Olha, muita gente, mas eu te direi que eu adoro Monty Python e Millôr Fernandes. Tive uma certa influência de "O Planeta Diário" [jornal publicado entre 1985 e 1992 pelos criadores do "Casseta & Planeta"]. Gosto muito do humor do [Kurt Vonnegut](#). Sou de Porto Alegre então cresci lendo Veríssimo praticamente todos os dias no jornal. Gosto de cinema americano.

"Acho que o papel do humor é botar luz em outro lugar. Às vezes uma piada coloca outra dinâmica numa conversa" - Vitor Knijnik

JH: Na sua opinião, qual seria o objetivo do humor?

VK: O Millôr tem uma frase que eu adoro que diz “O humor é a vitória de quem não quer competir” e eu acho que o papel do humor é botar a luz em outro lugar. Acho que o humorista sempre tem um outro ponto de vista e essa história da vitória de quem não quer competir para mim é perfeita. Às vezes você tá numa discussão com alguém, levando isso ao pé da letra, e às vezes uma piada, ou alguma coisa inusitada desequilibra o interlocutor e coloca uma outra dinâmica na conversa. Acho que o tipo de coisa que eu faço é uma crônica, na verdade é um blog na sua forma, mas no seu conteúdo é uma crônica que coloca uma câmara em outro lugar “E se a gente olha isso por outra perspectiva...”

Crédito de fotos: divulgação (livro) e Crédito: site Deusch Welle (Vitor Knijnik na Alemanha para receber prêmio).

Apêndice C: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/09/piada-com-wanessa-camargo-faz-ronaldo.html>

Piada com Wanessa Camargo faz Ronaldo se afastar do 'CQC'

10:13 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 28/09)

Da redação:

O ex-jogador Ronaldo não gostou de uma piada feita no programa "CQC" da TV Bandeirantes sobre a cantora Wanessa Camargo e deve se afastar do programa humorístico.

No programa exibido na última segunda-feira (19/09), Rafinha Bastos disse "Eu comeria ela e o bebê", ao falar sobre a gravidez da cantora. Ronaldo é sócio de Marcus Buaiz, marido da cantora. Marcus estuda abrir um processo contra o humorista.



De acordo com o jornal "Folha de São Paulo" ([na coluna de Mônica Bergamo](#)) Ronaldo considerou as declarações ofensivas e conversou com a direção da TV Bandeirantes sobre o episódio.

O ex-jogador costuma dar atenção aos repórteres do programa e chegou a participar da bancada do primeiro programa do ano, [em março](#).

Fonte: Site da Folha.com

Legenda da foto: Ronaldo (segundo da esquerda para a direita) participou da primeira edição do CQC em 2011 (Crédito: Divulgação)

Apêndice D: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/09/entrevista-allan-sieber-e-conversao.html>

Entrevista: Allan Sieber e a conversão para o humor

13:53 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)



(Postado em 30/09)

O cartunista Allan Sieber é adepto da ideologia do humor do contra. “Eu acho que ele tem que malhar alguém, tem que ter um mínimo de porrada”. Seus desenhos costumam abordar temas sexuais e crítica às religiões. Algo improvável para quem foi adventista do sétimo dia até a pré-adolescência. “Eu era fanático, lia a bíblia de trás para frente”. O contato com amigos o fez mudar de pensamento. “Aos 13 anos fiz amizade com um pessoal da rua e comecei a fazer o que os moleques fazem quando tem essa idade. Ou seja: merda”.

Para o gaúcho, o humor abre espaço para que um posicionamento agressivo seja aceito: “Acho que ele pode falar de assuntos um pouco espinhosos, tipo racismo e religião, de uma maneira direta. Em um texto bruto o que você quer passar ia ficar meio agressivo. Mas no [desenho de] humor, em que existem bonequinhos, é engraçado. Isso já dá uma certa leveza àquele tema que não é tão leve”.



Eleito cartunista de 2010 no Troféu HQMix, o gaúcho Allan Sieber é multimídia: dirigiu sete curtas-metragens (desenhou em três) e um documentário. Com a animação *Deus é Pai*, venceu o prêmio do Juri do Festival de Gramado de 1999. Ele também é redator de TV e sua tira "Vida de Estagiário" virou programa da TV Brasil.

Nos quadrinhos, herdou o espaço deixado por Glauco (assassinato em 2010) nas tiras da "Folha Ilustrada", onde já fazia ilustrações e publicava aos domingos. Nascido em Porto Alegre em 1972, há doze anos se mudou para o Rio de Janeiro, onde montou o estúdio Tuscographics.

A escolha pela carreira de cartunista é consequência do ambiente familiar em que Allan Sieber cresceu. Seu pai era ilustrador de publicidade e tinha coleção de quadrinhos em casa. Seus traços e seu estilo vieram em três passos. Conheceu primeiro o "jeito meio grotesco" de desenhar de Millôr, depois o conteúdo mais agressivo e sexual da revista "Chiclete com Banana", e por fim conheceu o desenho autobiográfico de Robert Crumb. Em seu blog, Sieber criou algo similar.

Em 2009 Allan Sieber foi convidado a escrever para o programa "Casseta & Planeta" em dupla com Arnaldo Branco. "Pra mim seria uma experiência nova escrever esquetes para a televisão". Agora, o cartunista trabalha no novo programa do grupo, marcado para estreiar em 2012.

Leia a entrevista:

Jornal do Humor: Como foi o seu começo com o desenho?

Allan Sieber: Na verdade meu contato com o desenho muito se deve ao meu pai, que a vida toda trabalhou como desenhista na publicidade nos anos 40 até os anos 80. Ele tinha uma boa coleção de quadrinhos em casa e eu lia isso desde que era

pequeno. Tinha material de desenho em casa eu desenhava e sempre fui muito obcecado por tiras de jornal. Eu recortava do jornal, colava no caderno. Eu tinha uma certa fixação por esse formato, tiras impressas no papel jornal. Isso por algum motivo obscuro me atraía.

“Eu era fanático religioso. Aos 13 anos comecei a fazer o que todos os moleques fazem. Ou seja: merda ”

JH: E que autores te influenciaram?

AS: Quando eu comecei a desenhar eu gostava muito do Snoopy e do Hagar. Um dia chegou nas minhas mãos também um livro do Millôr Fernandes, chamado *Que País é Esse?*. E eu tinha 10 anos e obviamente não entendi porra nenhuma. O texto do Millôr é muito sofisticado, mas aquele traço dele, aquela coisa de desenhar as pessoas de um jeito meio grotesco me impressionou muito. Teve uma época que eu copiava muito o desenho do Millôr. Mas aos 15 anos eu vi uma edição de “Chiclete com Banana”, e foi o choque para mim ver o Angeli, Laerte. E ver aquele teor de humor... até então a coisa mais agressiva que eu tinha vista em termos de humor gráfico em palavrões em sexo, até fiquei meio chocado, mas para mim foi tipo uma janela que se abriu. Há 20 anos mais ou menos, conheci o Robert Crumb. Chegou a minhas mãos um álbum dele que uma história que o próprio Crumb desenha, faz um quadrinho autobiográfico. Uau, dá para fazer histórias autobiográficas nesse nível sinceridade de quase suicidas?

AS: Você faz bastante humor com religião. Por que você gosta de tocar nesses assuntos?



AS: O assunto religião é bem fácil de identificar, porque quando era pré-adolescente, dos 8 aos 13 anos eu virei adventista do sétimo dia e eu era um pequeno fanático. Realmente levava muito a sério aquilo. Li a bíblia mil vezes, de trás para frente e aquilo era uma coisa que me tomava o espaço da minha cabeça. Aos 13 anos fiz amizade com um pessoal da rua. Comecei a sair de casa e aí andando com a molecada comecei a fazer o que os moleques fazem quando têm

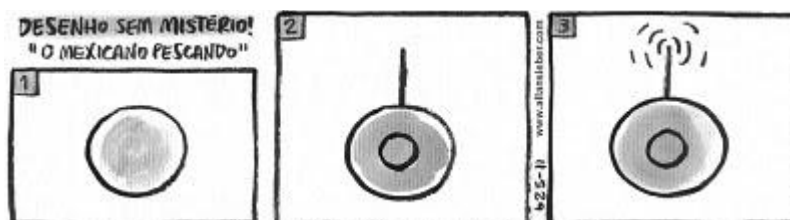
essa idade: ou seja, merda. Bebem, usam droga. E isso foi fazendo com que eu me afastasse dessa coisa religiosa, fanática, fundamentalista que eu tava totalmente imerso. Então a isso se deve essa constância do tema no meu trabalho.

JH: Você não costuma fazer referência a nenhuma igreja?

AS: Não, não. Eu ponho Deus na tira... enfim [ele ri com a frase “ponho Deus”], ponho aquele Deus icônico, quase um carimbo, um senhor barbudo com um triângulo em cima, com um olho e etc, eu uso ele bastante nas tiras. Já tive problemas em coisas que eu botei no meu blog. Mas tem esse negócio de que na internet todo mundo é muito macho. O pessoal é super valente, “vou quebrar você todo. Vou te matar”.

JH: Qual seria, na sua opinião, a função do humor?

AS: A função primordial do humor é fazer rir. Agora, tem milhões de jeitos de ser engraçado. Eu prezo cartunistas que tenham uma visão crítica do meio em que vivem. O Jaguar fala que “Não existe humor a favor”, o humor está sempre destruindo um comportamento, algum setor da sociedade, enfim. Nesse sentido eu acho que o humor pode falar de assuntos um pouco espinhosos, tipo racismo, religião, de uma maneira direta e ao mesmo tempo ele permite uma liberdade de você expor seu ponto de vista nessas questões. Em texto bruto aquilo que você quer passar ia ficar meio agressivo. Mas no humor, em que existem bonequinhos é engraçado. Isso já dá uma leveza àquele tema que não é tão leve. Eu acho que o humor tem que ser engraçado e tem que malhar alguém. Tem que ter um mínimo de porrada, de agressividade.



Cartum publicado no blog de Allan Sieber

JH: Como era o trabalho no "Casseta & Planeta"?

AS: Eu formava uma dupla com o Arnaldo [Branco], e a gente ficou lá do final de 2009 até o final do ano passado, que foi quando acabou o programa. Quando nos convidaram eu gostei, porque pra mim seria uma experiência nova escrever esquetes para a televisão. Ao mesmo tempo nos deram uma certa carta branca. Eu gostei muito de trabalhar com eles e voltei a trabalhar na verdade, numa coisa meio embrionária do novo casseta. "O Planeta Diário" eu acho que foi uma das coisas mais engraçadas que eu já vi na vida. A "Casseta Popular" também. Sou fã do Hubert e do Reinaldo, dois cartunistas que estavam meio atolados com os trabalhos da TV, infelizmente produzem pouco atualmente, mas são dois caras que eu sempre fui fã. Então é muito bom trabalhar com eles. O programa ficou 18 anos no ar, então tinha um inevitável desgaste, mas eu gostava do resultado e gostava de ver.



JH: Como surgiu a oportunidade de transformar a tira "Vida de estagiário" em um programa de TV?

AS: Em 2008 rolou um edital promovido pelo Ministério da Cultura para fomentar série de animação para o público C,D e E para um público jovem. Um amigo meu, Paulo Bocato, inscreveu o "Vida de Estagiário" como série com autores. Na verdade no começo eu não conseguia visualizar muito bem como é que seria essa tradução de personagens bidimensionais, mas depois eu comecei a entender e vi que ia dar certo. Na verdade, eu participei do piloto. Eu e o Arnaldo escrevemos o roteiro do piloto e demos algumas sugestões para a sinopse da temporada e eu gostei do resultado. Ficou realmente muito bom. Fiquei bem contente com o resultado final.

Apêndice E: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/rafinha-bastos-e-suspenso-do-cqc-por.html>

Rafinha Bastos é suspenso do 'CQC' por causa de piada

10:29 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)



(Postado em 03/10)

Da redação: A direção da TV Bandeirantes decidiu punir Rafinha Bastos pela piada que ele fez com Wanessa Camargo no programa "CQC" de 19 de setembro (assista ao vídeo abaixo).

De acordo com o a coluna Olá do jornal "Agora", ele não estará no programa que vai ao ar nesta segunda-feira (03/10).

"Eu comeria ela e o bebê" disse o humorista depois que o apresentador Marcelo Tás comentou a beleza da cantora grávida. Em seguida, Rafinha disse "Tô nem aí". Segundo a mesma publicação, a emissora estuda se irá mantê-lo no ar depois da repercussão negativa das piadas.

A pressão contra a emissora veio do ex-jogador Ronaldo, amigo e sócio do marido de Wanessa Camargo, o empresário Marcus Buaiz. O craque da seleção costumava atender aos repórteres do programa e chegou a apresentar a primeira edição do "CQC" este ano ao lado de Tás, Rafinha e Marco Luque.

(Link de vídeo)

Colegas de programa

Os integrantes do "CQC" foram orientados a não se manifestar sobre o assunto, mas antes da suspensão o companheiro de bancada de Rafinha, Marco Luque, lamentou a piada. "Sobre a piada feita pelo Rafinha Bastos, no programa 'CQC', que foi ao ar no dia 19 de setembro, eu como pai, entendo e apoio a revolta e a indignação do Marcus Buaiz, um homem que conheço e respeito. Se fizesse uma piada com este contexto sobre a minha família, certamente ficaria ofendido. Com certeza uma piada idiota, de muito mal gosto", declarou, de acordo com o site ["O Fuxico"](#). Luque é amigo pessoal de Wanessa, Marcus e Ronaldo.

Já o também colega de "CQC" Danilo Gentili partiu em defesa do humorista gaúcho. De acordo com a [colunista do "Estadão"](#) Cristine Padiglione, ele escreveu no [Twitter](#): "Sempre enxerguei algo mais significativo sendo construído por um comediante linchado por falar merda do q por um queridinho por puxar sacos."

Na manhã desta segunda-feira (03) o tuíte não aparecia mais na página de Gentili.

Problemas com piadas

Rafinha Bastos já teve que pedir desculpas no ar por uma piada que fez com Daniela Albuquerque, apresentadora da Rede TV!, depois que a direção da emissora se reuniu com a direção da Band.

Em agosto, ele prestou depoimento no Ministério Público por fazer piadas com estupro em seus shows stand-up comedy.

Com informações de: O Fuxico, coluna de Cristine Padiglione e Ego

Apêndice F: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/notas-danilo-gentili-em-jornal.html>

Notas - Jornal britânico cita Danilo Gentili e mais: Rafinha perde apresentações e crise trabalhista abala 'Os Simpsons'

20:05 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 05/10)

Rafinha Bastos

Os efeitos da piada de Rafinha Bastos sobre a gravidez de Wanessa Camargo (ele declarou "comeria ela e o bebê" no programa "CQC") já pode ser sentida em seu bolso. Segundo o colunista Ricardo Feltrin, do "F5", pelo menos sete eventos com o comediante foram cancelados. Rafinha cobra 20 mil reais por duas horas de trabalho.

(Link para vídeo)

Trocadilhos

O humorista gaúcho foi afogar suas mágoas em uma churrascaria. É o que mostra o vídeo satírico acima, postado pelo site "Jacaré Banguela", em que Rafinha Bastos rejeita baby beef e fraldinha

Danilo Gentili mártir



Membro do "CQC" que vive uma boa fase, com seu programa "Agora é Tarde", Danilo Gentili foi citado pelo jornal inglês ["The Guardian"](#) como um dos líderes do humor stand-up no Brasil. O jornalista Tom Phillips ainda escreveu que, com seu estilo, Gentili poderia até ter sido morto durante a Ditadura Militar (1964-1985).

Crise em "Os Simpsons"

A Fox tem encontrado dificuldades em pagar os salários dos dubladores do desenho "Os Simpsons" na versão original. A News Corp, que administra a Fox Television, [propôs 45% de corte](#) nos salários dos profissionais. Os responsáveis pelas vozes de Homer (Dan

Castellaneta), Marge (Julie Kavner), Bart (Bart é duplado por uma mulher: Nancy Cartwright) e Lisa (Yeardley Smith) recebem cerca de 8 milhões de dólares por temporada.

Para fechar

Do humorista do "Estadão" [Tutty Vasques](#) sobre a polêmica com Rafinha Bastos: "O humor, como se sabe, reside na fronteira entre a graça e a grosseria. O lado certo todo mundo sabe qual é! Acontece que, quanto mais o autor da piada se aproxima desta linha tênue, melhor seu desempenho."

Crédito da foto de Danilo Gentili: The Guardian

Fontes: O Fuxico e Jornal da Cidade (Bauru)

Apêndice G: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/entrevista-cronica-esportiva-nos-tracos.html>

Entrevista: a crônica esportiva nos traços de Gustavo Duarte

07:58 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

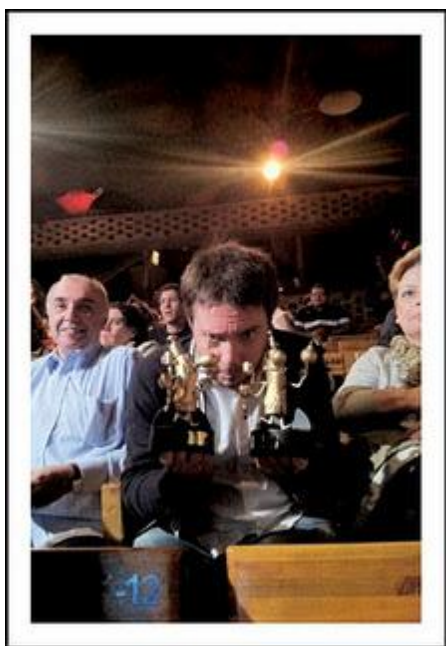
(Postado em 08/10)

Em dias alterados Gustavo Duarte coloca no jornal "Lance!" sua opinião sobre o que está acontecendo no futebol, e, como qualquer comentarista na área, recebe o retorno de um público apaixonado. "Eles acham que a coisa mais importante do mundo é o futebol". Mas o paulistano de 34 anos não escreve uma linha sequer sobre os grandes clubes do Brasil. Ele faz charges esportivas. ([Conheça o seu site](#))



Gustavo Duarte acha interessante o comportamento dos leitores: “Um corintiano manda um e-mail me xingando porque minha charge foi palmeirense. Aí outro dia faço uma charge e um palmeirense me xinga dizendo que eu sou um mau-caráter, ‘essa imprensa corintiana’. Quando você responde um e-mail a pessoa não te retorna, ou ela te retorna pedindo desculpas. Existe uma coisa meio xiita em torcida.”

Eleito o caricaturista do ano no Troféu HQMix, Gustavo também publica ilustrações na “Folha de São Paulo”. Formado em Design, iniciou sua carreira no “Diário de Bauru”, onde já era respeitado pelos colegas de imprensa, apesar da juventude. “Na minha cabeça, quando eu comecei a fazer charges eu era tratado como jornalista. No ‘Diário’ existia um respeito para com os dois chargistas. Eu era um moleque de 19 anos e participava de discussões com meus editores.”



Gustavo recebeu dois prêmio HQMix este ano (Crédito: blog do chargista)

Se antes ele sentia uma proximidade com o jornalismo, hoje não se sente tratado como um profissional da área. “Acredito que o que eu faço que é jornalismo. Mas os jornalistas não consideram um chargista um jornalista”. Para ilustrar a indiferença, Gustavo Duarte cita uma situação vivida no jornal de esporte: “Uma vez um cara da redação do Rio me ligou ‘A gente precisa de uma ilustração sobre o Caixa D’Água... Caixa D’Água é o apelido do presidente da federação...”. Isso revoltou Gustavo. “Eu disse: se eu não souber que o presidente da federação carioca é o Caixa D’Água, você pode me demitir”.

Sobre o trabalho nos desenhos, o vencedor do HQMix é contra a publicação de charges ou cartuns sem remuneração: “De jeito nenhum. Pelo amor de Deus, isso não existe”. Há dez anos, ele viveu essa experiência, quando trabalhou por um mês para um site que fechou sem pagá-lo.

Adepto do humor com crítica, Gustavo Duarte desaprova a defesa do politicamente correto e do politicamente incorreto: “O politicamente correto levado ao pé da letra é abominável,

assim como achar que você pode fazer tudo porque você tá fazendo humor também é.” O caricaturista lamenta também o exagero quando se fala em bullying. “Tudo é bullying. Pára com isso. As pessoas tem que se preparar mais para vida. Parece que tudo é um problema”.

Premiado no Troféu HQMix 2011 também pelo sua história em quadrinho Táxi (categoria Publicação Independente Edição Única), Gustavo é fã de Jô Soares, Jerry Lewis, Monty Python, Bill Murray e Luis Fernando Veríssimo. “Eu vivo o humor desde que nasci”.

Leia a entrevista que Gustavo Duarte concedeu ao Jornal do Humor:

Jornal do Humor: Além do *Lance!* Onde você já publicou?

Gustavo Duarte: Além do “Lance!” publiquei quinzenalmente na “Forbes Brasil” por uns dois ou três anos. Desenhei muito no começo da revista infantil “Recreio”. Em 2005 comecei a trabalhar com a “Folha de São Paulo”. Fiz meu primeiro desenho que era o Ronaldinho gordo, no casamento dele com a Cicarelli. Aí a partir daí sempre, publico lá pelo menos uma vez por mês.

JH: Sempre remuneradas? Já trabalhou sem ser pago?

GD: De jeito nenhum. Pelo amor de Deus, isso não existe. Se não tivesse pago, vocês já estaria sabendo porque eu estaria fazendo uma bagunça muito grande, mas sem pagar eu nunca trabalhei na vida. Já tomei o cano, em um site. Não existe trabalho nenhum que se faça de graça. Isso desvaloriza a profissão. É um trabalho. Não existe “ah, faz um desenho aqui para aparecer”.

JH: Dá para se sustentar com charge? Ou é preciso conciliar com cartum, HQ e publicidade?

GD: É muito complicado você se sustentar com uma coisa só no Brasil. É complicado eu viver só do “Lance!”. O “Lance!” paga o meu aluguel. Então eu tenho que fazer várias outras coisinhas para outros lugares.

**“Se um portal usa uma charge minha é picaretagem”
– Gustavo Duarte**



Piadas com os clubes grandes rendem reclamações a Gustavo
(Crédito: site do chargista)

JH: O que você acha do uso de suas charges na internet? Se um blog publicar a sua charge, tudo bem?

GD: Se um menino vai, põe uma charge minha, dá o crédito, não vejo problema nenhum e inclusive acho muito legal. Se for um grande portal, aí é picaretagem. Mas mesmo se é um jornalista, se ele me manda um e-mail, beleza, dependendo do que é, ok. O grande problema é quando é um site que visa lucro. Se é um site pessoal, ok.

JH: Como é a reação do público com as charges de futebol?

GD: Eles acham que a coisa mais importante do mundo é o futebol, que o Corinthians é a coisa mais importante do mundo. E um corintiano manda um e-mail me xingando porque minha charge foi palmeirense. Aí um outro dia faço uma charge e um palmeirense me xinga dizendo que eu sou um mau-caráter, “essa imprensa corintiana”, aí depois, o santista reclama... É impressionante, quando você responde um e-mail dessa pessoa ou a pessoa não te retorna, ou ela te retorna pedindo desculpas. Existe uma coisa meio xiita em torcida. Ela vê o Corinthians numa charge e acha que a culpa [da derrota] é minha, não é do Tite. Acha que a culpa é do chargista.

JH: Em sua opinião o objetivo da charge é o humor?

GD: A charge tem humor. O objetivo da minha charge é mostrar a minha opinião sobre os assuntos, e na maioria das vezes tem que usar o humor para isso. Mas em alguns momentos não tem como usar humor. O papel da charge é dar opinião, olhar para um assunto e falar “Eu acho isso aqui” e na maioria das vezes eu tento fazer isso com humor.

JH: Na sua produção, tem algum tipo de humor que você prefira?

GD: Adoro Monty Python, um humor extremamente inglês. Às vezes eu recebia algumas críticas que eu tomava como elogio: “O teu humor é muito inglês, a pessoa tem que pensar”, “poxa, que legal, eu tô tentando fazer alguém pensar. Quem bom”.

JH: E você prefere fazer um humor que estimule o senso crítico?

GD: Claro. É dar minha opinião sobre uma coisa e mostrar o que eu acho que não tá certo e sempre entendendo que essa opinião não tem que ser a opinião de todo mundo. Eu não sou o dono da verdade e nenhum chargista é nem nunca vai ser.



Gustavo não se limita ao futebol (Crédito: site do cartunista)

JH: Para fazer humor, você leu bastante coisa, se inspirou em alguém?

GD: Eu vivo humor desde que eu nasci. No cinema meu tema predileto é o humor. Meus maiores ídolos talvez sejam humoristas. Jerry Lewis, para mim, é um dos maiores gênios do mundo. A minha escola é de humor, vem de desenho animado, chargistas que eu gosto, cartunistas que eu gosto. O Chico Anysio talvez seja um dos maiores atores que a gente já teve no Brasil. O Jô Soares também. Aquela geração do "Saturday Night Live" com Steve Martin, Dan Aykroyd, John Belushi, Bill Murray, depois o Eddie Murphy, essa geração do humor eu gosto muito. O Eddie Murphy é um cara que não é valorizado. Aí no Brasil você tem o Golias, que para mim é o gênio.

“No humor você tem que ter um pingão de educação e saber até onde pode ir” – Gustavo Duarte

JH: E você já pensou em fazer roteiro para comédias?

GD: Nunca pensei. Não sei se eu seria capaz. Tem isso: uma coisa é você segurar um piada. Por exemplo: uma charge que é uma coisa pontual. Você vai para TV e precisa segurar essa mesma piada por três minutos... eu via às vezes isso no "Casseta & Planeta". Quando eles tinham uma piada e tinham que desenrolar por três minutos. Ficava péssimo.

JH: Que tipo de humor você não gosta?

GD: Eu não gosto de ser mal-educado. Você tem que ter um pingão de respeito e educação com as pessoas e saber até onde você pode ir. Acho o humor negro legal, mas cada caso é

um caso. Não acho legal piada racista, sexista. Não é minha praia. Acho que tem coisas mais inteligentes para se falar.

“Se você critica um político mau-caráter, beleza, mas não bata na família dele” - Gustavo Duarte

JH: Quando é uma coisa mais ácida, mas, para o enfrentamento, deixa de ser piada?

GD: Aí já deixa de ser piada. Chega num limite, até virar uma coisa de mau-gosto que não tem nenhum sentido. Mas o politicamente correto eu abomino. Essa história de que tudo é bullying... Pára com isso. As pessoas tem que se preparar mais para vida. Parece que tudo é um problema. O politicamente correto levado ao pé da letra é abominável, assim como ser escroto e achar você pode fazer tudo porque você tá fazendo humor é abominável também. Você não pode fazer tudo. Se você critica um político mau-caráter, beleza, você pode bater até onde você quiser, mas não bate na mulher dele, no filho dele. Bata na pessoa. Atinja quem merece ser atingido, não generaliza.



Gustavo desenha o mascote do Noroeste Esporte Clube, time de Bauru, cidade em que Gustavo passou a infância e juventude (Crédito: site de Gustavo Duarte)

JH: O chargista é discriminado na redação? Ele recebe ordem do editor para atacar alguém?

GD: Sim, é discriminado, e isso deve existir. No meu jornal eu nunca tive isso, ninguém nunca me obrigou a fazer nada. Sempre tive total liberdade, mas que hoje em dia, dentro da

redação cada vez o chargista e o ilustrador, o caricaturista é relegado a quinto, sexto, sétimo plano é. Uma vez um cada da redação do Rio me ligou “A gente precisa de uma ilustração sobre o Caixa D’Água”, falei “Tá bom”, e ele “Caixa D’Água é o apelido do presidente da federação...” eu falei “Rapaz, me respeita. Eu sou chargista. Se eu não souber que o presidente da federação carioca é o Caixa D’Água, você pode me demitir.” Acham que o desenho aparece lá porque alguém mandou. Poucos são os que respeitam os cartunistas hoje em dia.

JH: Você se considera jornalista esportivo?

GD: Acho que por esse preconceito todo, não. Eu acabo achando que não faço parte, que faço uma coisa diferente. Acredito que o que eu faço que é jornalismo. Tenho que saber o que está acontecendo. Não sei se posso me considerar um jornalista porque os jornalistas não consideram um chargista um jornalista. No Diário [de Bauru] existia um respeito para com os chargistas. Eu era um moleque de 19 anos e participava com discussão com editores. Isso te faz crescer como jornalistas, chargista. Faz com que o jornal seja melhor.

JH: Se você tem alguma ideia de charge fora do esporte o que você faz? Desenha e põe no blog?

GD: Não dá tempo. Às vezes eu tenho várias ideias, mas eu teria que parar e gastar quatro, três horas da minha vida para me dedicar a essa charge e infelizmente, pela quantidade de trabalho que eu tenho na minha vida eu não consigo fazer isso. Eu gostaria de fazer.

Legenda da primeira charge: Gustavo Duarte brinca com o jeito de falar do técnico Tite (crédito: blog do chargista).

Apêndice H: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/critica-filme-com-steve-carrel-mostra.html>

Crítica: Filme com Steve Carrel mostra que comédia romântica pode ser original

11:51 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)



(Postado em 09/10)

Traição, amor não correspondido e a sensação (na meia-idade) de que não se viveu a vida plenamente. Tudo o que é prato cheio para uma tragédia também é de grande serventia para uma comédia, como é o caso de *Amor a toda prova*, protagonizada por Steve Carrel e Juliane Moore.

No filme lançado neste segundo semestre, o casamento entre Cal e Emily chega ao fim depois 25 anos, quando a personagem de Moore revela que transou com um colega de trabalho.

As quase duas horas de filme passam rápido por causa de uma rede de desencontros que lembra o célebre verso de Carlos Drummond de Andrade, “João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém”. Na versão cinematográfica, o filho de Cal, Robbie, se apaixona pela babá Jéssica, enamorada por Cal, que não esquece Emily, que não sabe o que fazer da vida.

Tudo o que é prato cheio para uma tragédia é de grande serventia para uma comédia

A comédia é uma praia praticamente nova para Juliane Moore, mas é uma das especialidades de Steve Carrel. O ator é um daqueles comediantes que fazem rir porque mantêm a fisionomia de seriedade.

O filme dirigido por Glenn Ficarra e John Requa traz alguns clichês de comédias românticas: Cal quer conhecer outras mulheres e, para conseguir superar a falta de jeito, vira aluno do jovem conquistador Jacob, numa história parecida com o filme *Hitch – Conselheiro Amoroso* só que mais engraçada.



Humor não é exatamente a praia da Julianne Moore,
à esquerda (crédito: Divulgação)

Além de piadas sarcásticas, “Amor a toda prova” faz divertidas referências a “Crepúsculo” e “Glee” e mostra a juventude de duas maneiras: uma, a de Robbie, inocente, apaixonada e depois pessimista e rancorosa; a outra, de Jéssica, ao mesmo tempo atrevida sexualmente e ingênua.

O longa tem um roteiro original para uma comédia romântica e o ponto alto se dá quando se descobre que Cal e Jacob possuem um elo muito mais forte do que eles e o espectador podiam imaginar. De longe a parte mais engraçada do filme, mas que se revelada perde a graça.

Legenda da primeira foto: Steve Carrel e seu ar sério (Crédito: Divulgação)

Apêndice I: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/notas-ministra-apoia-protesto-contr.html>

Notas - Ministra apoia protesto contra Zorra e mais: Legendários, Rafinha Bastos e Enem

10:47 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 10/10)

A partir de hoje, a coluna de notas do Jornal do Humor será atualizada todas às segundas-feiras.

Legendários



Nem “Pânico”, nem “CQC”. O programa humorístico de reportagens com a maior audiência é bem mais discreto, pelo menos no noticiário das polêmicas. O programa “Legendários”, da Record, tem somado 10 pontos de média no Ibope este ano, contra 8 da atração da Rede TV! e 5 do programa com Marcelo Tás. Cada ponto equivale a 60 mil televisores da Grande São Paulo sintonizados no canal.

Estupro

O senador com atuação contra pedofilia Magno Malta (PR) repudiou a piada de Rafinha Bastos, suspenso temporariamente do "CQC". O político defende que o humorista deve prestar esclarecimentos no Ministério Público de São Paulo já que sua frase sobre Wanessa Camargo (“Comeria ela e o bebê”) pode significar estupro de vulnerável. A informação é do site do Senado.

Bodas de prata para Homer e Marge

A Fox chegou a um acordo com os dubladores norte-americanos de “Os Simpsons e anunciou a produção de mais duas temporadas do desenho. Com isso, a atração chegará 25 temporadas. As informações são do "Ig".

Charge da Maçã

A morte de Steve Jobs rendeu várias homenagens nas charges, como aponta o site "Charge Online". A maioria segue a tendência da mídia de exaltar os feitos do norte-americano. Poucos chargistas foram na contramão, como é o caso da charge de Mariano, do dia 7 de outubro.



HQs e a "Veja"

Reportagem da revista "Veja" que chegou às bancas nesta sexta-feira (07/10) lamenta a grande quantidade de história em quadrinhos em questões do Enem.



O texto *A Pedagogia de Garfield* traz um estudo da UFRGS apontando que as HQs aparecem em grande parte das questões de interpretação de texto e que tiras do Garfield, Mafalda e Hagar são mais frequentes que textos de José de Alencar, Lima Barreto e Graciliano Ramos.

Comentário rápido: não é por aí

A matéria desvaloriza o trabalho dos desenhistas e não dá valor ao fato de o Enem trazer mais poesias do que histórias em quadrinhos.

A crítica do **Jornal do Humor** ao Enem fica por conta do excesso de quadrinistas internacionais, uma vez que não faltam grandes nomes nacionais. Laerte foi citado pelo exame apenas duas vezes.

Ministra entra na briga contra a "Zorra Total"

Os protestos do sindicato dos Metroviários contra o quadro humorístico "Metrô Zorra Brasil" ganharam a adesão da ministra Iriny Lopes, da Secretaria de Políticas para as Mulheres, que enviou carta de apoio. O sindicato lamenta as piadas com o assédio sofrido pelas mulheres no transporte coletivo. ([Leia mais aqui](#))

O que diz a carta de apoio

"Parabenizamos a iniciativa e endossamos a necessidade de ações como esta que visam desconstruir discursos de uma cultura que, até camuflada no humor, perpetua a violência simbólica contra as mulheres"

Para fechar

O noticiário humorístico "[Furo MTV](#)" noticiou e comentou a polêmica entre metroviários e "Zorra": "Os metroviários se incomodam com a apologia ao assédio sexual proposta pelo quadro. Já o resto do Brasil se incomoda com o quadro."

Legenda da primeira imagem: programa comandado por Marcos Mion tem média de 10 pontos no Ibope este ano. (Crédito: Divulgação)

Apêndice J: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/rafinha-bastos-e-band-combinam-tregua.html>

Rafinha Bastos e Band combinam trégua para tratar de demissão

11:50 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 14/10)

Da Redação: Rafinha Bastos e TV Bandeirantes combinaram uma trégua para discutir sua permanência no programa "CQC" e a decisão deve sair na próxima semana.

[O humorista foi afastado do programa depois de uma piada com a gravidez da cantora Wanessa Camargo.](#)

À [coluna](#) do jornalista Alberto Pereira Júnior, do site F5, Rafinha informou não saber se segue no programa. "É uma decisão que vamos tomar em conjunto, a Band e eu."



Na semana passada, Rafinha Bastos entregou pedido de demissão à diretoria da emissora, mas ainda não teve sua solicitação atendida.

Segundo a [coluna](#) de Mônica Bergamo, o apresentador foi aconselhado por diretores da Cuatro Cabezas, produtora responsável pelo programa, a esfriar a cabeça antes de tomar uma decisão.

Sem paciência

Para a mesma coluna, no último dia 10, Rafinha Bastos teria [respondido e-mail](#) sobre suas piadas em apresentações com a frase “Chupa o meu cacete”. À reportagem do “IG”, ele respondeu perguntas sobre sua situação na emissora com [uma receita de bolo](#).

Novo cabeça

A polêmica não deve prejudicar a relação entre a produtora do “CQC” e a Band. Um dos criadores da Cuatro Cabezas, o argentino Diego Guebel, assumirá a diretoria de conteúdo da emissora.

Demissão

A cantora Wanessa Camargo e o empresário Buaiz querem indenização de 100 mil reais por causa da piada. De acordo [com o site UOL](#), o casal entrou com uma ação por danos morais contra o humorista.

De acordo com “O Diário de São Paulo”, Wanessa Camargo prometeu doar a instituições de caridade a quantia recebida no processo judicial.

Fontes: com informações de UOL, Ig, F5 e coluna de [Flávio Ricco](#).

Legenda da foto: Rafinha Bastos postou em seu Twitter foto em que procura empregos em um jornal (crédito: @rafinhabastos)

Comentário do Jornal do Humor

A piada foi infeliz, mas o pedido de indenização com valor exorbitante também é. Um pedido de desculpas seria suficiente e a ação da cantora reforça a tese de humoristas de que “agora, para tudo acionam um advogado”.

O melhor a fazer é aderir à trégua. Rafinha Bastos tem sido grosso nas respostas e o silêncio ou qualquer ação da emissora pode ser interpretado como censura ou reprimenda.

A demissão não é certa e o humorista dá audiência para o canal. Vale a pena esperar.

Apêndice K: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/entrevista-helio-de-la-pena-prepara.html>

Entrevista: Hélio de la Peña prepara Casseta para nova realidade

11:49 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)



(Postado em 15/10)

Nada de descanso. Mesmo com o “Casseta & Planeta” fora do ar este ano, Hélio de la Peña trabalha na reformulação do programa para 2012 e ainda presta serviço aos pais de primeira viagem. Lançando em 2003, o *O Livro do Papai* inspirou o quadro *É Pai, é Pedra* do “Fantástico”, protagonizado por Bruno Mazzeo e Gabriela Duarte.

Nos anos 70 e 80, Hélio integrou o grupo de redatores da revista “Casseta Popular”, ao lado de Beto Silva, Marcelo Madureira, Bussunda e Claudio Manoel.

Nos anos 90 veio a adaptação de um jornal anárquico para uma emissora nacional, quando os atuais integrantes do grupo fizeram parte da equipe de redatores do programa “TV Pirata”. “A gente sabia com quem a gente estava se metendo, então era uma batalha diária pelos limites das coisas” conta.



Membros da revista
Casseta Popular (de cima
para baixo): Bussunda,
Hélio, Beto Silva
e Cláudio Manoel.
(Crédito: Veja)

O humor baseado no noticiário já rendeu alguns processos para o grupo, como os que foram acionados pelos acusados de corrupção Jorgina Freitas e Arthur Falk: “A gente ficou surpreso deles terem tempo para se preocupar com a gente”, afirma Hélio.

O carioca de 52 anos destaca a importância histórica do discurso do politicamente correto, “a origem de todo esse movimento vem de um espaço democrático que se abriu. As pessoas podem expressar suas opiniões e tem meios de manifestar suas opiniões”.

Mesmo assim, Hélio considera que a reação ao humor politicamente incorreto pode ultrapassar o aceitável: “Você querer proibir as pessoas de se manifestar... aí a coisa fica estranha”. Para ele, em muitos casos, quem reclama prefere não entender a piada.

O intérprete de Michael Jackson, Celso Pitta e Pelé no programa humorístico conta que a pausa do programa “Casseta & Planeta” foi necessária para que a equipe pudesse se reformular. “Quando o programa começou não existia nem telefone celular. Então hoje você tem uma outra realidade e a gente queria voltar com um programa adequado a essa nova realidade”.

**Ouçã um trecho da entrevista feita por telefone com o humorista:
(link para podcast)**

Confira a entrevista que o Jornal do Humor fez com Hélio de la Peña:

JH: Como foi a adaptação de linguagem e estilo de piadas da Casseta Popular para o programa de TV?

HP: A gente fazia uma coisa bem anárquica, para um público bem restrito. Quando você vai fazer um programa de televisão você tá falando de um público muito maior, um público diversificado. Todo o Brasil, todo o tipo de classe social, de nível cultural e muito mais. Você tem que formatar uma nova ideia, um novo caminho. Na verdade, quando a gente chegou lá, a Globo sabia quem estava contratando e a gente sabia com quem estava se metendo,

então era uma batalha diária pelos limites das coisas. Então a gente empurraria os limites um pouco mais para lá, mas tendo noção de que você estaria dentro de um ambiente completamente diferente do que você vinha trabalhando antes.

"Todo mundo está paranoico com o politicamente correto" - Hélio de la Peña



Hélio de la Peña interpretou
o presidente Barack Obama
no Casseta (Crédito: site O Globo)

JH: Como foram os problemas que vocês tiveram com relação a algumas piadas?

HP: Teve alguns problemas, mas com pessoas que a gente ficou surpreso delas terem tempo de se preocupar com a gente, já que tinha outros problemas bem maiores. Como por exemplo teve uma época em que uma fraudadora do INSS chamada Jorgina de Freitas entrou em processo contra a gente. Teve um cara chamado Arthur Falk que alegava que nós inventamos o apelido de Arthur Desfalque e até o filho dele estava sofrendo bullying por causa disso e tal e enfim, mas o problema dele era muito maior. Alguns processos nesse sentido que acabaram não dando em nada, até porque como eu estou falando, o problema dos caras era outro, não era com o humor.

JH: Como você lidam com essa questão do politicamente correto? Tem temas que vocês não preferem não abordar?

HP: Essa questão do politicamente correta é curiosa. Obviamente existe um exagero. Todo mundo está muito paranoico com essa coisa. Agora, tem um lado: a origem de todo esse movimento vem de um espaço democrático que se abriu. As pessoas podem expressar suas opiniões e têm meios de manifestar suas opiniões. Então, da mesma maneira que eu tenho direito de fazer uma piada sobre o que eu quiser, o cara tem o direito de ter a opinião dele sobre aquela piada. Enquanto está neste trâmite, acho natural estar nesse embate: você coloca uma coisa, e o outro discorda. Agora você quer proibir as pessoas de se manifestar... aí a coisa fica estranha.

“Um deficiente físico que faz piada com deficiente físico está na verdade rindo de suas próprias tragédias.” - Hélio de la Peña

JH: Já aconteceu de um grupo de pessoas não gostar de você fazer piada de negros?

HP: Gente que não gosta da minha piada é normal. Não existe uma unanimidade. Um deficiente físico que faz piada com deficiente físico ele está na verdade fazendo uma piada sobre si mesmo, sobre as suas próprias tragédias. Isso faz parte de uma das essências do humor.

JH: Seria rir de si mesmo para não chorar?

HP: Rir de si mesmo, ter uma forma de aliviar a dor que você sente. Uma maneira de você encarar com bom humor um problema que você enfrenta na sociedade, você brinca com aquilo, de uma certa forma até finge que aquilo não te atinge. Mas tem o caso de um comediante anão, o [gigante Leó](#). Ele é um anão e faz várias piadas de anão e todo mundo ri. O povo até fica meio aliviado “Pô, agora eu posso rir de piada de anão, é um anão que tá fazendo”. Agora, se tem o anão que tá fazendo aquela piada, acho que ele fica mais puto de não ter tido aquela ideia, né? (risos).

**"Sempre há espaço para vários tipos de humor.
Você pode curtir o humor do "Pânico", do
"Casseta" ou do Adnet ao mesmo tempo". - Hélio de
la Peña.**

JH: E o que explica o fim do programa “Casseta & Planeta”? Havia concorrência com programas humorísticos que se inspiraram em vocês?

HP: A gente vinha ganhando na audiência. Pedimos para parar porque estávamos há 19 anos no ar. A gente queria dar uma reformulada no formato e isso seria impossível de fazer com o programa no ar. Quando o programa começou não existia telefone celular. Então hoje você tem uma outra realidade e a gente queria voltar com um programa adequado a essa nova realidade. Surgiram vários outros programas nesse período e no meu ponto de vista você sempre tem espaço para vários tipos de humor. Eu acho que se você gosta de humor pode curtir o humor do Pânico, do Casseta ou do Marcelo Adnet.

JH: O que vocês têm pronto sobre o novo projeto?

HP: A gente vai voltar em 2012 num formato diferente, em temporadas e não num programa que vai cobrir o ano inteiro. Estamos no nosso laboratório vendo uma maneira de trazer uma coisa completamente diferente. Não tem muito o que adiantar para não quebrar a surpresa para o público.

Crédito da primeira foto: site da revista Afro

Apêndice L: matéria disponível em
<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/reacao-piada-de-rafinha-bastos-tambem.html>

Opinião: Reação à piada de Rafinha Bastos também passou dos limites

16:02 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 16/10)

O apresentador Rafinha Bastos foi infeliz em sua piada - “Comeria ela [Wanessa Camargo] e o bebê” - mas a frase só ganhou tanta repercussão porque o humorista mexeu com a pessoa errada, ligada às pessoas certas.

Houve protestos do marido da cantora e do ex-jogador Ronaldo, que acabaram chegando aos ouvidos da alta direção da emissora. Além da suspensão, instalou-se uma cortina de ferro entre os membros do programa humorístico e a imprensa.

Fosse outra personalidade ou uma pessoa comum, é provável que estaríamos agora discutindo outros assuntos e que Bastos teria lugar garantido na bancada do “CQC”.

Mesmo sem demissão ou indenização, dificilmente Rafinha Bastos voltará a tocar em assuntos polêmicos

Wanessa Camargo pede um valor exorbitante de indenização depois da piada feita por Rafinha Bastos: 100 mil de reais, para um caso que poderia ser resolvido com um pedido de desculpas.

A imagem do comediante e do programa já foram bastante atingidas e mesmo que não precisasse gastar uma moeda para ressarcir danos morais, dificilmente Rafinha Bastos voltaria a tocar em assuntos tão polêmicos.

Os excessos do caso – um senador chegou a ver na piada um estímulo a estupro de menores – reforçam as reclamações de humoristas de que o público desaprendeu a rir e que tudo virou motivo para acionar um advogado.

Não seria também politicamente incorreto publicar a ofensa do humorista no site da Folha?

Também foi lamentável a reação de Rafinha Bastos ao assédio de jornalistas, como sua suposta resposta à equipe da jornalista Mônica Bêrgamo – aliás, não seria também politicamente incorreto publicar sua frase como manchete em um site de grande visibilidade, como a “Folha de São Paulo”? – e seus tuítes com fotos e frases que passam ao

mesmo tempo a ideia de que tudo é uma brincadeira e de que ele não aguenta mais tanto rebuliço com o que considera não ter importância nenhuma.

Por falar nisso, a reportagem da jornalista mencionava piadas do humorista feitas em apresentações stand-up, para um público específico que compra ingresso, em um contexto completamente diferente. Nada parecido com uma piada dita ao vivo, de improviso para todo o Brasil num canal aberto.

Ao ser contratado, o estilo do humorista já era conhecido pela Band, e ao que parece, outras piadas suas tão ou mais pesadas não causaram incômodo até o primeiro semestre deste ano, o que reforça a ideia de que existem dois pesos e duas medidas.

Mesmo assim, o cerco ao humor de Rafinha não é desculpa para se comparar o politicamente correto de hoje com a censura da época da ditadura.

O politicamente correto é uma convenção que deve ser questionada, mas o humorista não deve se achar superior ao debate na sociedade e imune às consequências do que faz.

Apêndice M: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/notas-casseta-planeta-sonda-marcelo.html>

Notas - Casseta & Planeta sonda Marcelo Adnet e mais: Uma Família da Pesada e André Dahmer

08:30 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 17/10)

Todas as segundas-feiras o Jornal do Humor traz a coluna de notas sobre o humor

Bom momento

[Reportagem da revista "Veja"](#) mostra o bom momento do humor stand-up brasileiro na atualidade e cita o canal de humor Comedy Central, que chegou ao país no ano que vem.

Na matéria também há considerações mais pessimistas feitas por Chico Anysio e Ary Toledo. “O humor piorou muito de uns três anos para cá. Há falta de qualidade e de bom gosto nas piadas”, reclama Ary.

Vai parar?

O criador do desenho "Uma Família da Pesada", Seth MacFarlane, [disse em entrevista](#) que acha que a série já deveria ter terminado. “Acho que sete temporadas está de bom tamanho”, declarou à revista “Hollywood Reporter”. Em conversas com fãs, ele já ouviu que o programa “já deu”. Outros não querem pensar na possibilidade do seriado acabar.

MacFarlane dubla o personagem Peter Griffin.

Novos traços na Ilustrada

O cartunista de 37 anos André Dahmer estreou seus quadrinhos [na "Folha Ilustrada"](#) na última semana, com a série “Malvados”. Dahmer entra no lugar das tirinhas do argentino Liniers. Conheça o [site do quadrinhista](#). A página da "Folha de São Paulo" reúne alguns dos melhores profissionais dos traços do Brasil. Um deles, Allan Sieber, foi [entrevistado](#) pelo **Jornal do Humor**.

"Casseta & Planeta" quer Dani Calabresa e Marcelo Adnet

De acordo com coluna da jornalista [Leila Jimenez](#), da "Folha de São Paulo", os integrantes do "Casseta & Planeta" querem Marcelo Adnet e Dani Calabresa no elenco do programa, que volta ao ar em abril 2012.



Dani Calabresa e Marcelo Adnet atuam no Comédia MTV
(crédito: malhacao.org)

No novo formato, com episódios temáticos, cada semana contará com um humorista. Adnet e Calabresa são casados e têm contrato com a MTV até o fim do ano.

Em seu programa ["Adnet Ao Vivo"](#) da última quinta-feira, o humorista fez uma piada com a "Zorra Total".

*Veja as entrevistas do **Jornal do Humor** com os cassetas [Reinaldo](#) e [Hélio de la Peña](#)*
Comentário rápido

E quem não quer Adnet e Calabresa em sua emissora? Os dois se destacam, principalmente por suas imitações no programa "Comédia MTV".

Há quem diga que os dois não se enquadrariam no esquema “politicamente correto” da Rede Globo, mas o casal sabe ser engraçado sem apelar. A emissora da música dificilmente vai segurar os dois humoristas.

Para fechar

Na [charge de Maurício Ricardo](#) publicada em seu site na última sexta-feira (14/10), depois de ouvir a ministra Iriny Lopes reclamar da propaganda com Gisele Bundchen, da "Zorra Total" e da violência doméstica em "Fina Estampa", Dilma Rousseff responde: "Desliga essa porcária de televisão e vá trabalhar".

Apêndice N: matéria disponível em

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/10/dia-do-medico-e-os-doutores-da-alegria.html>

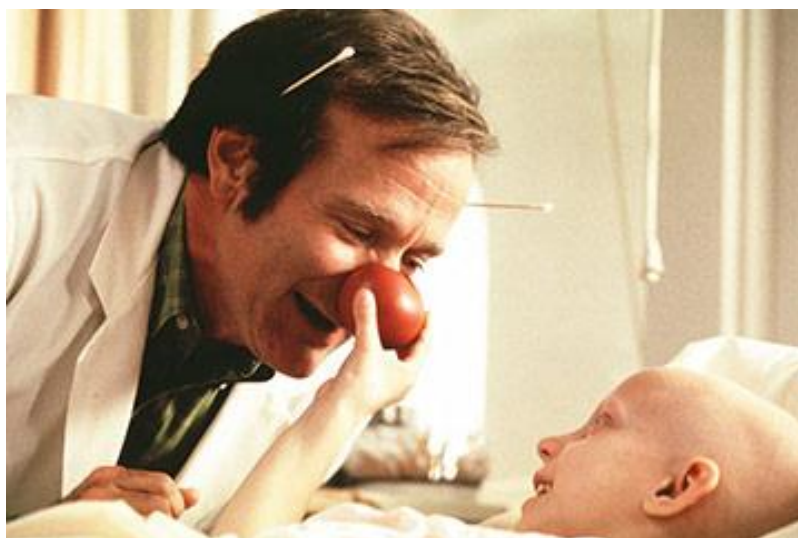
Dia do Médico e os Doutores da Alegria

11:22 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 18/10)

Da redação: Dia 18 de outubro é o Dia do Médico. E o que o humor tem a ver com isso, além das tradicionais [piadas](#) de médico? Muito.

Em 1972, o médico norte-americano Patch Adams fundou o [Instituto Gesundheit](#), onde introduziu um tratamento humanitário para os enfermos. No meio do tratamento estava o humor.



O médico inspirou o filme protagonizado por Robin Williams, *Patch Adams - o amor é contagioso*, e também serviu de inspiração para atuação de trupe de palhaços em hospitais a partir do fim dos anos 1980 e início dos anos 1990.



Edgar Vivar se
decepcionou com
a medicina (Crédito: IMDB)

No Brasil, a ONG [Doutores da Alegria](#) já apresentou performances circenses para mais de 800 mil crianças hospitalizadas em Recife, São Paulo e Belo Horizonte.

Há também os médicos que abandonaram o estetoscópio para fazer as pessoas rirem. É o caso de Edgar Vivar, o Sr. Barriga do seriado Chaves. "Me senti decepcionado com a medicina... muito desumanizada. Gosto mais de curar as pessoas através da risada", disse em entrevista ao ["Guia Folha"](#).



Chapman deixou a medicina
para fazer parte do Monty Python
(Crédito: IMDB)

Já o britânico Graham Chapman (1941-1989), cursou medicina em Cambridge, mas nunca exerceu a profissão.

O humorista integrou o grupo de humor Monty Python e protagonizou os filmes *A Vida de Brian* e *Em Busca do Cálice Sagrado*. Chapman compôs uma "homenagem", junto ao colega Eric Idle a canção escatológica [Medical Song](#).

O **Jornal do Humor** separou dois vídeos da medicina no humorismo.

Casseta & Planeta e o "Pilantrão médico"

([link para vídeo](#))

Dr. Chapatín e o "Médico bom pra cachorro" (**[link para vídeo](#)**)

Fontes: sites do Instituto Gesunheit, Doutores da Alegria, Guia Folha e revista Cinemateca Veja (edição 11).

Postagens destacadas feitas antes do período selecionado para o relatório:

Apêndice O: matéria - Entrevista com Felipe Andreoli (CQC) – disponível em <http://www.jornaldohumor.com.br/2011/09/entrevista-imaginei-ser-humorista-diz.html>

Entrevista: 'nunca imaginei ser humorista', diz Felipe Andreoli

16:30 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)



(Postado em 14/09)

O sétimo integrante do "CQC" mais seguido no [Twitter](#). Assim, o jornalista Felipe Andreoli satiriza sua condição na rede social entre os oito membros do programa "Custe o Que Custar", da TV Bandeirantes. "A Mônica [Iozzi] não têm Twitter, então você faz as contas", diz ele em seu show stand up *Que história é essa?*.

Felipe é filho do jornalista [Luiz Andreoli](#) e seguiu os passos do pai. Trabalhou como repórter na TV Gospel (da Igreja Renascer) e no programa "Fala que eu te escuto" (da Igreja Universal), antes de chegar à TV Cultura. "Quem assiste à TV Cultura?!", brinca com a plateia durante as apresentações.

Da emissora estatal ele foi para a Band, onde fez reportagens descontraídas sobre esportes e comportamento. Isso explica a sua transferência quase acidental para o mundo do humor: "a própria Bandeirantes me indicou para fazer o 'CQC'" quando o programa surgiu, em 2007.

No novo ambiente, Andreoli se vê mais como jornalista do que como humorista. "Tento colocar nas minhas matérias alguma coisa de informação, que acrescente". Com pretensão de seguir lidando com as notícias, Felipe se preocupa com a credibilidade, mesmo em um

programa que brinca com figuras públicas: “Se você perceber, dificilmente faço uma coisa muito agressiva”.

O integrante do "CQC" também começou a sua carreira de escritor: lançou em 13 de setembro o seu livro *O pior futebol de todos os tempos*, com informações sobre os piores times do Brasil e do mundo além de fiascos de seleções e times. “Acho que todo jornalista sonha em escrever um livro. Agora eu tenho um. Espero ter outros ainda”.

Ouçá um trecho da entrevista:

(link para podcast)

Confira a entrevista que o **Jornal do Humor** fez com Felipe Andreoli nos bastidores de seu show em Bauru:

Jornal do Humor: Como foi a sua transição do humor pro jornalismo?

Felipe Andreoli: Foi um negócio involuntário. Eu não planejei isso. Eu trabalhava na área de esportes da TV Bandeirantes, fazia muita matéria de comportamento, matérias que tinham uma parte bem humorada, mas não eram de humor e aí até por isso a próprio a Bandeirantes, através da direção, me indicou para fazer o “CQC” quando o projeto surgiu. Eles gostaram e acabei entrando para o programa. Foi uma transição muito rápida e totalmente involuntária.

"A transição para o humor foi muito rápida e totalmente involuntária" - Felipe Andreoli



JH: Você chegou a temer a perda de credibilidade por trabalhar com o humor?

FA: Eu tive muito essa preocupação. Essa preocupação na verdade foi aumentando conforme o programa foi se desenvolvendo e foi tendo mais tempo. Mas [estou] fazendo no meu estilo. Se você prestar atenção nas minhas matérias, eu dificilmente faço alguma coisa muito agressiva. Eu tentei combinar o humor com o jornalismo. Não me transformei num humorista. As pessoas acabam achando que eu sou um comediante, mas a minha continuação, minha sequência de carreira vai ser no jornalismo. Então nas minhas matérias

eu tento colocar alguma coisa de informação, alguma coisa que acrescente à galera.

JH: Se fosse só humorista, evitaria piadas politicamente incorretas?

FA: Eu acho o politicamente correto muito chato. Mas eu tenho um estilo de fazer as coisas, cada pessoa que trabalha com o humor tem um estilo de fazer as coisas. Tem gente que faz um humor mais pesado, tem gente faz um humor mais leve, gente que fala muito palavrão, gente que fala menos. Eu falo palavrão nas matérias, que é uma coisa que os jornalistas não fazem. Eu torço para os times nas matérias de futebol, coisa que os jornalistas não fazem. Aliás, eu torço para todos, o que ninguém faz. Então exige uma adaptação. Não sou nem tão jornalista, nem tão humorista. Tento ficar nesse meio tempo.

JH: Você acha que o "CQC" é um programa de jornalismo?

FA: Acho que ele tem coisas de jornalismo. Tem coisas que não podem ser levadas à sério. A gente tenta colocar informações nas matérias, principalmente nas de política. Eu acho que o "CQC" ajuda muito as pessoas que não são ligadas em política a perceberem o quão ruim é o nosso cenário político. Nesse sentido o "CQC" é muito informativo. As pessoas descobrem muitas coisas por ali. "Nossa, os caras não sabem o próprio salário, não sabem onde fica Recife, Pernambuco". Acho que nesse sentido o "CQC" ajuda, mas não é lá que você vai recolher dados, que você vai ter informação precisa. Não é que nem você assistir um Jornal Nacional ou um Jornal da Band. É um negócio predominantemente de humor que contém informação também.

"O CQC ajuda as pessoas que não são ligadas em política a perceberem como nosso cenário político é ruim" - Felipe Andreoli



Capa do livro de Andreoli

(crédito: Divulgação)

JH: Para você, a função do humor é simplesmente fazer rir, ou tentar informar?

FA: O humor faz rir, critica, coloca para as pessoas de uma maneira mais escancarada o problema. Acho que o humor tem essa função.

JH: Quem que te influenciou no humor e quem você acompanha da nova geração?

FA: Como eu nunca imaginei ser humorista, nunca busquei inspirações. Eu sempre adorei filmes de comédia, caras que fazem humor de uma maneira involuntária, sem falar “esse cara faz de um jeito, é um estilo que eu vou seguir”. Eu gosto muito do Eddie Murphy. O stand up dele é genial. É um cara que eu sempre gostei muito, mas eu não tenho o talento dele para atuar, trejeitos corporais. Eu não consigo ser um ator, um personagem cômico, como o Eddie Murphy é, como o Marco [Luque, seu colega de "CQC"] é. Não fiz curso de teatro. Sobre a nova geração, acho o Marcelo Adnet sensacional. Mas são caras que eu admiro, é diferente de se inspirar. Tenho inspirações mais do lado jornalístico do que do lado do humor.

Fontes: site "Terceiro Tempo", na página Que fim levou?

Crédito da imagem na home e no alto desta página: Divulgação CQC

Apêndice P: exemplo de editorial, disponível em ,

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/09/opiniao-o-humorista-precisa-ter.html>

Opinião: o humorista precisa ter formação teórica

16:53 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 20/09)

O contato feito com chargistas, comediantes e redatores de humor para a produção de reportagens e entrevistas para este site nos permite um diagnóstico: a maioria deles não estudou a teoria do humor e não acha que isso seja necessário para escrever ou desenhar. Uma resposta muito comum foi a de que para fazer humor basta fazer rir, e nada mais.

Não pretendemos aqui levantar uma bandeira para a criação de uma Universidade do Riso, e sim atentar para a importância do estudo teórico de várias áreas para que o humorista

não se resume a alguém que saiba apenas fazer piadas. Afinal, elas têm motivações e consequências.

Foi positivo, porém, perceber que boa parte dos entrevistados defendia que, para produzir humor com mais qualidade, é recomendável estudar bastante. Ler sobre História, política, esporte, ver filmes, ouvir músicas, ler livros de todos os gêneros. Afinal, o humor é ficção, mas só é engraçado por retratar (de algum modo) a realidade. Além disso, trata-se de uma bagagem cultural que pode ser muito proveitosa para entender o processo de criação e aprender a criar um estilo e a recriar-se ao longo da carreira.

O humorista precisa tomar cuidado para não se tornar um mero portador da opinião do veículo para o qual trabalha

Essa formação teórica faz-se ainda mais necessária ao chargista e ao cronista cômico. Por lidarem com a atualidade, eles caem no mesmo campo de atuação de jornalistas, com uma vantagem: atingem um público ainda maior, graças à sua linguagem. Correm o risco de criticar a política sem compreendê-la, traduzindo tudo que envolve Brasília à corrupção, chamando o suspeito de ladrão. Esse nicho de humoristas precisa tomar cuidado para não cair na tentação de fazer piadas com os mesmos personagens e assuntos de sempre, tornando-se meros portadores da opinião dos veículos para o qual trabalham, com uma falsa noção de independência.

É fundamental ainda ter noções de ética e filosofia, não para que virem ensaístas e defensores dos bons-costumes, mas para que saibam que sua produção é sim moralista, mesmo que isso não seja necessariamente negativo. Caso contrário, trabalhadores da comédia correm o risco de atacar o politicamente correto sem nem ao menos conhecer seu histórico e peso na sociedade, o que é completamente diferente de criticá-lo tendo feito essa reflexão.

Apêndice Q: entrevista com Nelito Fernandes, do site Sensacionalista, disponível em <http://www.jornaldohumor.com.br/2011/09/entrevista-com-nelito-fernandes-do.html>

Entrevista com Nelito Fernandes, do Sensacionalista: 'Humor é meu lado B'

21:23 RENATO DINIZ [NO COMMENTS](#)

(Postado em 15/09)

“Fiz voto de pobreza em dobro: fui ser humorista e jornalista”. Assim, Nelito Fernandes brinca com sua dupla função: repórter da revista “Época” e um dos responsáveis pelo site

de notícias falsas e programa de TV "[Sensacionalista](#)".

O site imita o aspecto de uma página de notícias normal, com o slogan tradicional, o que já fez várias notícias serem publicadas como se fossem verdadeiras. É o caso de [Mulher engravida assistindo filme 3 D](#) e [Dilma será garota-propaganda de Veja Limpeza Pesada](#).



O site Sensacionalista chegou à TV,
com o programa Jornal Sensacionalista no Multishow
(Crédito: Divulgação)

Nelito assina suas matérias-piadas como Odileno Júnior. “Humor é meu lado B e todas as pessoas que trabalham comigo sabem disso”.

Ex-redator do programa “Casseta & Planeta”, ele atualmente assina uma [coluna de humor](#) no site da revista em que trabalha.

Segundo Nelito Fernandes, não há qualquer definição do estilo do site. O importante é fazer graça: “A gente quer fazer piada engraçada. Se não for contra a lei, a gente faz”.

[O programa de TV](#), exibido pelo Multishow, fala menos de celebridades e do que acabou de acontecer porque é gravado com antecedência. A atualização da página na internet pode ser feita em instantes.

Embora acredite que o público “encareitou”, o humorista destaca que o discurso do politicamente correto tem aspectos positivos: “Foi positivíssimo na questão racial, por exemplo”.

Isso não impede a equipe do site de fazer piadas politicamente incorretas: “Se a gente quiser fazer uma piada com [gay](#), faz. Mas acho que hoje em dia está mais engraçado sacanear o antigay”. O deputado federal Jair Bolsonaro já foi manchete várias vezes: [Por ofender negros e gays, Bolsonaro receberá pena de 27 centímetros](#) e [Collor, Maluf, Sarney, Bolsonaro... Conheça o clube dos que não morreram aos 27](#)

Nelito Fernandes acredita que afrontar não é o papel do humorista. “Nós estamos no negócio de fazer rir, não no de provocar polêmica pela polêmica.” Mesmo assim, a piada pode desagradar alguém.

A solução, segundo ele, é simples: “Se a pessoa está insatisfeita com o site, não visite o site. Ver um site de um determinado humorista que te incomoda apenas para criticá-lo me parece uma coisa meio masoquista”.

Clique no link abaixo e ouça uma parte da entrevista: "Adoro piada de tragédia, adoro humor negro", revela Nelito:

(Link de podcast)

Confira a entrevista feita por telefone para O Jornal do Humor



Notícias do site exageram e satirizam fatos reais (Crédito: reprodução do conteúdo do site)

Jornal do Humor: Como surgiu o "Sensacionalista"?

Nelito Fernandes: Eu era redator do "Casseta & Planeta", fui demitido e antes de ter o Sensacionalista eu tinha tido uma experiência com um site de humor, chamado "Eu Hein", mas a gente fazia montagens e dava muito trabalho. Eu era fã daquele site americano chamado "The Onion", e resolvi fazer um site brasileiro que fosse parecido com esse. Comecei a fazer, mostrei para um amigo, Marcelo Zorzanelli. Entrou a outra jornalista Martha Mendonça, e por fim o Marcelo chamou o Leonardo Lanna [único do time que não é jornalista], que hoje é redator de humor da TV Globo.

"O Sensacionalista é só um hobby para nós. Não é nossa intenção que ele se torne uma atividade principal" - Nelito Fernandes

JH: Você chegou a ficar com medo de perder a credibilidade com esse site?

NF: Não, as coisas não se misturam. Humor é o meu lado B, e todas as pessoas que convivem comigo já sabem que eu faço humor. Inclusive eu faço humor na própria empresa em que eu trabalho, na revista "Época", no site eu tenho uma coluna de humor. Hoje em dia, dificilmente alguém tem uma só atividade, as empresas até estimulam que funcionários tenham hobbies. Porque na verdade, o Sensacionalista é pra gente um hobby. Ele dá algum dinheiro, mas não é a nossa intenção que ele venha a se tornar uma atividade principal. Quando a gente começou a fazer o site, a gente nunca imaginou que ele fosse virar um programa de televisão.

JH: E a passagem para a TV, como foi?

NF: A gente começou a fazer o site, a aceitação foi muito boa, e como eu já tinha essa experiência de fazer roteiro de TV, levei o "Sensacionalista" para televisão, depois de uma sugestão do Bruno Mazzeo. Aí a gente apresentou o roteiro do piloto no Multishow e em cerca de quatro meses o programa estava no ar. Agora vamos para segunda temporada que vai estreiar em outubro.



Nelito Fernandes é humorista
e jornalista da revista Época
(Crédito: Site Época)

JH: Como é a produção? Vocês se reúnem ou cada um no seu canto, quando tem um tempo livre, senta e escreve?

NF: Geralmente a gente faz as coisas por trocas de e-mail. Um manda pro outro e fala "E aí, o que vocês acham dessa ideia?" Às vezes nem manda. Quando alguém está seguro de publicar, vai lá e publica. Eu faço a redação final do programa de TV, mas no site todo mundo é redator final.

JH: Comparando o site com programa de TV, o site é mais direto, fala diretamente de político, artistas e jogadores. O programa não fala de personalidades. Por que essa diferença?

NF: Porque a gente grava com muita antecedência. No site você precisa escrever apenas. Em 10 minutos você escreve. A gente está gravando agora [no mês de agosto] o que vai ao ar em outubro. Como você pode fazer um programa que seja referenciado em notícias gravando com três meses de antecedência?

JH: Existe uma briga pelo furo? Você lê os outros sites, por exemplo "Diário de Barreiras" e "Piauí Herald"?

NF: Não. Para ser sincero eu pouco leio. Antigamente eu tinha uma preocupação de olhar, para evitar que eu fizesse alguma coisa igual. Mas é raro acontecer essa coincidência. Mas eu acho que quanto mais [sites desse tipo] tiver, melhor.

JH: Vocês tentam evitar algum tipo de piada?

NF: Não é que a gente tenta evitar. A gente quer fazer piada engraçada. Se a gente tiver uma boa ideia de fazer uma piada de gay, a gente faz. Contanto que não seja contra a lei, a gente faz. Só que eu acho que hoje em dia, está mais engraçado sacanear o antigay, que é uma figura mais interessante. Fazemos piada com anão, com gay, com o que puder fazer. Só não fazemos piada sacaneando criança.

"A gente combinou de não fazer piadas com o terremoto do Japão. Se eu fosse mais novo teria feito" - Nelito Fernandes

JH: E tragédia?

NF: Eu adoro piada de tragédia. Adoro rir, fazer humor negro. Mas hoje em dia as pessoas não gostam mais disso. A gente faz internamente. Um conta pro outro. Alguns tipos de piada não estão sendo muito aceitos. Na época do terremoto do Japão a gente combinou: "não vamos fazer piada". Pode ser engraçado fazer, mas certamente quem tem parente ou quem estava envolvido com isso não ia gostar... talvez eu esteja ficando mais velho, se fosse mais novo eu teria feito! (risos).

JH: E o discurso de politicamente correto acabou virando um exagero?

NF: Acho que o povo encareceu demais. Mas isso se chama viver em sociedade. Nós estamos no negócio de fazer rir, não no de provocar polêmica pela polêmica.

JH: Em algum aspecto o politicamente correto é positivo?

NF: A questão do politicamente correto foi positiva na questão da piada com negro. Por que fazer piada com o negro? Foi positivíssimo. Você tem um processo de politicamente correto que tem lados negativos, mas tem conquistas. Não tenho aquela coisa “eu sou humorista, posso falar o que eu quiser, não quero censura”. Não. Você vai falar o que quiser desde que as pessoas estejam dispostas a ouvir. Agora, vai quem quer. Se a pessoa tá insatisfeita com o site, não visite o site. Você visitar ou ver um programa de um determinado humorista que você sabe que faz um determinado tipo de piada apenas para criticá-lo me parece uma coisa meio masoquista.

Apêndice S: reportagem sobre o Salão de Humor de Piracicaba, disponível em <http://www.jornaldohumor.com.br/2011/08/salao-de-humor-de-piracicaba-chega-38.html>

Salão de Humor de Piracicaba chega a 38ª edição com recorde

07:28 RENATO DINIZ [2 COMMENTS](#)

(Postado em 29/08)

Da reportagem em Piracicaba:

Os jornalistas e chargistas piracicabanos que decidiram criar um evento voltado somente ao humor gráfico em 1974 não imaginavam que 38 anos depois a cidade se tornaria sinônimo de humor pelo mundo.

Um dos criadores, Carlos Colonnese, trabalhava no jornal "O Diário" quando participou da criação do Salão de Humor de Piracicaba. O desafio original era atrair a atenção de cartunistas Brasil afora. Para isso, o primeiro passo era atrair o pessoal de "O Pasquim", publicação humorística independente da época. E deu certo: os cartunistas adotaram o salão e a exposição anual se tornou referência no assunto.

“Ser premiado aqui é um impulso na carreira”, destaca o caricaturista Edu Grosso, diretor do Centro Nacional de Documentação, Pesquisa e Divulgação do Humor Gráfico de Piracicaba. Dalcio, Batistão e Glauco são alguns dos nomes que apareceram primeiro na cidade da Pamonha.



Em 2011 o Salão bateu recorde de trabalhos expostos: o júri selecionou 396 dos 4 mil trabalhos enviados: desenhos de 948 artistas de 65 países diferentes. Fora a “peneira”, esta edição conta com uma mostra dedicada a artistas iranianos.

[Leia mais sobre a fama do Salão de Humor fora do Brasil](#)

Segundo o jurado [Mário Mastrotti](#), para que o desenho fosse escolhido, era necessário que o artista soubesse comunicar a piada: “O que a gente leva em conta é a qualidade. O que é um bom cartum? Tem que ser engraçado e tem que ter comunicação. Tem que ser um desenho que comunique e tem que ter uma piada”, afirma Mastrotti, que já publicou na revista de humor “Bundas” e no jornal “O Pasquim 21”.

Novos talentos

Em meio a autógrafos em seus livros, o chargista [Gilmar](#) (“Diário do ABC”) destaca a revelação de novos talentos: “Tem outros salões pelo Brasil, mas esse tem uma história que permanece e é um incentivo pros cartunistas novos e humoristas. Você vê no Salãozinho que a garotada tá afiada.”



Os avós Nelson e Débora viram
a exibição do desenho do neto Leonardo Brenelli
(crédito: Renato Diniz)

Gilmar faz referência a uma das mostras que fazem parte do 38º Salão. Crianças de 7 a 14 anos de escolas públicas e particulares de Piracicaba enviaram 1.800 trabalhos, dos quais

252 foram selecionados para o 9º Salãozinho. Entre eles, o de Leonardo Brenelli. Seu avô Nelson lê a charge do jornal todo dia: “A gente já começa o dia feliz”, garante.

O próximo passo é ter um trabalho selecionado no “salãozão”: “É uma espécie de um carimbo, se você foi premiado lá você atinge uma maioria” resume o chargista da “Folha de São Paulo”, Jean. O veterano acredita que a charge perde espaço na web: “Acho que ela já teve mais peso no passado, quando não tinha internet. Agora a gente concorre com rede social. Tem muita gente fazendo, escrevendo, desenhando.”

Ponto de encontro



Gilmar (à esquerda) acha que a garotada está afiada; Duke realiza salão em Minas Gerais (Crédito: Renato Diniz)

O chargista mineiro [Duke](#) garante que o evento piracicabano é, ao mesmo tempo, uma espécie de palco e de ponto de encontro para cartunistas: “Assim como o artista tem o palco para poder fazer o show, o salão de humor tem a mesma função [para nós]. É o único evento que consegue reunir todos os chargistas. É uma oportunidade única.” Duke também é um dos fundadores do Salão Internacional de Humor Gráfico de Belo Horizonte.

Debutante

A cartunista gaúcha [Chiquinha](#) (ex-“Folhateen”) está estreando em salões. Para isso, além da distância ela superou um certo preconceito com esse tipo de evento: “A gente mais jovem tem uma ideia de que salão é coisa do pessoal mais velho, da velha guarda, que publica cartum com aquarela. Aqui descobri



Tira de Chiquinha exposta no Salão (Crédito: Renato Diniz)

que não. Sempre li muito o pessoal de "O Pasquim", Luis Sá, Jota Carlos". No salão, há um espaço dedicado às suas tiras e quadrinhos, através da exposição **Chiquinha no Selvagem Mundo do Humor Gráfico**.

O Salão Internacional de Humor de Piracicaba conta com mostras paralelas e exposições no Parque do Engenho Central até o dia 16 de outubro. [Confira o site do evento](http://www.jornaldohumor.com.br/2011/08/estrangeiros-dominam-premiacao-do-salao.html).

Legenda da primeira foto: Um dos criadores do Salão, Carlos Colonnese observa desenhos do Salãozinho (Créditos: Renato Diniz)

Apêndice S: reportagem sobre o Salão de Humor de Piracicaba

<http://www.jornaldohumor.com.br/2011/08/estrangeiros-dominam-premiacao-do-salao.html>

Estrangeiros dominam premiação do Salão de Piracicaba

19:03 RENATO DINIZ [1 COMMENT](#)



(Postado em 28/08)

De reportagem em Piracicaba:

“É uma grande honra para mim, ser membro do júri, porque esse é o mais antigo festival de humor” comenta um cartunista. “É um salão muito conhecido. Desde pequeno se ouve falar ‘Piracicaba’”, diz outro.

As duas frases não seriam tão surpreendentes se os seus autores não fossem, na ordem, um iraniano e um cubano presentes no lançamento do 38º Salão Internacional de Humor de Piracicaba, neste sábado (27).



Angel Boligán
publica no diário
mexicano El Universal
(Crédito: Renato Diniz)

Massoud Shojai Tabatai comanda o site ["Iran Cartoon"](#) e trouxe para o interior paulista a mostra *Piada de Iraniano*: “Conhecemos bem os cartunistas brasileiros”. Como prova, Massoud cita alguns de seus cartunistas prediletos: Batistão, Amorim, Márcio Leite e Ziraldo: “Professor Ziraldo é muito famoso no Irã”. O artista conta que o criador do Menino Maluquinho visitará seu país em 2012 em um evento semelhante.

Para Massoud, os “cartunistas brasileiros são os melhores entre os melhores”. No país persa, ele conta, a maioria de seus colegas é amadora e por isso a parceria entre artistas dos dois países é bem-vinda.

“É um salão muito conhecido mundialmente. Nos últimos dois anos há mais [espaço] para cartunistas de outras nacionalidades, então inscrevemos nossos trabalho”, afirma Angel Boligán, cubano radicado no México, que revelou a admiração por Ziraldo, Hélio, Dalcio. “Há muitos cartunistas jovens; são muito talentosos e grandes amigos”, conclui o chargista do jornal mexicano "El Universal" ([conheça o site de Angel](#)).

Premiação



Cartum de Lázcara foi o grande vencedor
(Crédito: Renato Diniz)

Foram os estrangeiros que abocanharam a maior parte dos prêmios da noite, entre eles o principal, para o mexicano Dario Castillejos Lázcara (imagem ao lado).

Um conterrâneo de Massoud ficou com o prêmio pela melhor charge (Mohammad Amim Aghaei) enquanto o compatriota de Angel, Calos David Fuentes Hierrezuelo foi o vencedor entre as caricaturas (retratou Hugo Chávez).

O Brasil foi premiado com Tiago Hoisel Ferraz, na categoria Alimentação e com José Valber de Sá Benevides, com o prêmio Câmara de Vereadores.

Quatro mil trabalhos foram enviados e 396 foram selecionadas para compor a exposição: concorreram trabalhos da Turquia, Armênia, Canadá, Peru, Alemanha, entre vários outros países.

O Salão acontece no Parque Engenho Central, Armazém 14, em Piracicaba-SP, até o dia 16 de outubro. A entrada é gratuita.



Cartum de Tawam Chuntra, da Indonésia
(Crédito: Renato Diniz)

Legenda da primeira foto: Massoud Shojai Tabatabai trouxe obras iranianas ao Salão de Piracicaba (Créditos: Renato Diniz)

